

Ofer  
-0. NOV. 1998

AVULSO

1.20 ESC.

ANCIII-N.°106

27

MAIO  
1943

ALVES  
DA  
CUNHA  
ou a máscara  
dum grande  
actor

(Lêr nas páginas 4  
e 5, uma grande  
entrevista com o  
novo professor do  
Conservatório.)

(Foto Serodio)

Vida  
Mundial

**ILUSTRADA**  
Semanário gráfico de actualidades





ENG. DUARTE PACHECO

Faz agora 7 anos que temo conta da pasta de Ministro das Obras Públicas e Comunicações. O que foi esse longo período de actividade demonstra a enormidade e acção da obra realizada e que mereceu da parte dos seus funcionários do seu ministério uma e simpática homenagem, por ocasião do 7.º aniversário de Ministro das Obras Públicas.



JOÃO GASPASIMÕES

Crítico, ensaísta e romancista, publicou «Uma história de provincia», obra de largo estudo e de feição moderna que impõe o seu autor como elemento destacado das letras.



GENTIL MARQUES

Autor de apreciáveis romances e estudos biográficos, publicou agora «História Maravilhosa de Dante», em que a vida do autor da «Divina Comédia» surge na mais nítida expressão crítica e de análise.

# AQUI entre Nós

## ROBINSON E A UTOPIA...

**N**INGUÉM vive no isolamento. Há o caso de Robinson, esquecido na sua ilha, mas isso é precisamente a imagem contrária à da vida em sociedade — e a vida em sociedade é a vida organizada. Por isso se revestem de particular significado todos os actos que caracterizam a esforço de contacto, de relação entre os homens e entre os povos. Num momento de História em que tantas hostilidades se fecham, no hermetismo das suas muralhas de aço, guarnecidas de canhões — o que restar nesse capítulo é mais ainda digno de atenção e de registo. Pelo que nos diz respeito — Portugal é a invejada ilha da paz da Europa — não nos faltam, de momento pretextos para comentário.

**A**NTES de mais, o enriquecimento da nossa frota mercante. O governo pôde concluir um convénio pelo que se tornou possível, às duas mais importantes companhias portuguesas de navegação, a compra de alguns navios alemães, que, desde o começo das hostilidades, se encontravam immobilizados em portos de África Portuguesa. Um armador português adquiriu, por seu turno, uma unidade valiosa que navegava sob bandeira da Costa Rica. E dos estaleiros nacionais, onde a actividade é intensa, saiu há tempos um barco que se apronta para a sua primeira viagem — o maior até agora construído entre nós — e já se assinaram os contratos para a construção de um maior que esse. Não contando com este, que está, por enquanto, apenas em risco, pode contar-se com acréscimo de cerca de 50 mil toneladas de navios mercantes portugueses. O problema dos transportes para abastecimento do país recebe um excelente concurso para a sua solução.

**D**OIS diplomatas entregaram as suas credenciais aos novos ministros de Vichy e do Egipto. O pálio de embaixador do Brasil passa de mãos douradas ao sr. dr. Araújo Jorge, que nos em mãos deixou-nos o sr. dr. João Neves da Fontoura, o que é, francamente, uma escolha de alta consideração, porque se trata de uma das mais destacadas figuras da actualidade brasileira. Tráz consigo o sr. dr. Ribeiro Costa, que vem como 1.º secretário da Embaixada; outra escolha de primeira água. O Brasil requinta, francamente nos seus representantes que enviou para Lisboa.

**F**INALMENTE, deve registar-se o concurso de adidos de legação que tem estado a decorrer no novo Ministério das Negócijs Estrangeiros. É um acto periódico e, como se compreende, natural. Mas tem em vista a entrada de novas figuras para o quadro da nossa representação diplomática, gente nova, saída das escolas de habilitação especializada que vem rejuvenescer as listas dos «da carreira». A tarefa da profissão a que vão voltar-se é a mais delicada de todas. Façam-se votos para que o terreno que vão palmarilhar perca a sua altivez de ocasião e que os corredores atapeitados das necessidades lhes propiciem uma caminhada isenta de contrariedades.

**Vida MUNDIAL**  
Publica-se TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR: JOSE CÂNDIDO GODINHO  
EDITOR E PROPRIETÁRIO: JOAQUIM PEDROSA MARTINS  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 80-2. — LISBOA  
TELEFONE: 25844

res duma autoridade decidida. Inteveio com denodo e — mais ainda — com singular sentido oportunista. O precedente está aberto. Porque se não aproveitava a ideia para criar um corpo de gatos civicos, destinados à manutenção da ordem publica?



**V**AI abrir a Feira do Livro. Esta Feira há anos começada timidamente, converteu-se já num hábito de que, por esta época, se não prescindia. Instalada durante anos no Rossio mudou-se, um belo dia, para as sombras tranquilas da Avenida — como se se acolhesse a um autêntico jardim de Epicuro. Há — como era inevitável — quem atribuisse à Feira do Livro vantagens e desvantagens. Não falta quem a considere um valioso elemento de expansão — e não falta quem a julgue uma verdadeira balsa de desvalorização literária. Pela nossa parte, afirmamos-nos que a Feira tem vantagens; torna mais familiares, por assim dizer, as edições; agita os livros — e proporciona a tantos deles, asfixiados de pó e de esquecimento, uma espécie de cura de ares, que lhes é bastante proveitosa.



**E**STA meia dúzia de amigos que constitue a familia de «Vida Mundial Ilustrada» esteve, há dias, em festa. Festa íntima, festa de familia. Sem alarde, sem qualquer «barulho» de grande acontecimento, reunimo-nos todos para festejar um facto que a todos nós era grato — a entrada desta Revista no seu 3.º ano de publicação. Mas outros amigos houve que, nessa data, não nos esqueceram. E é para esses que nos felicitaram, quer pessoalmente, quer por carta ou telegrama — que aqui escrevemos estas linhas como expressão do nosso bem sincero agradecimento.



ENG. RODRIGUES DE CARVALHO

Temou posse, no Ministério do Interior, do cargo de Inspector Superior das Obras Públicas e Comunicações, e por ter passado o 5.º aniversário da posse de presidente da Câmara Municipal de Lisboa, onde tem exercido inteligente acção a favor dos interesses cidadãos, foi-lhe postada carinhosa homenagem.



JOHN BALFOUR

Foi, durante dois annos, ministro da Grã-Bretanha em Portugal a um devotado amigo do nosso país, que acaba de abandonar para regressar a Londres.



DR. JOÃO NEVES DA FONTOURA

Novo embaixador do Brasil em Lisboa, é um destacado elemento do Brasil moderno, havendo muito a esperar da sua acção, para o bom entendimento luso-brasileiro.





O Sr. Prof. Dr. João de Magalhães lê o seu discurso perante a Sr. Presidente da República.

Um grupo das senhoras que vão tratar dos doentes no novo pavilhão.

O Sr. Presidente da República chega ao Instituto Português de Oncologia.

## UMA REALIZAÇÃO DE LARGO ALCANCE Incumbiu-se UM PAVILHÃO NO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA

**A** luta contra o cancro em Portugal está a cargo do Instituto Português de Oncologia, cuja obra se tem desenvolvido a ponto de terem por lá passado, em 1942, mais de 6.500 doentes. Como, por enquanto, não existem centros regionais previstos para funcionar em vários pontos do país, na dependência do Instituto, ocorrem da provincia todos os casos graves de cancro, que só em Lisboa encontram um centro convenientemente apetrechado para o combate à doença. Daqui resultava um dos problemas mais angustiosos da assistência aos cancerosos: os pobres vindos da provincia, mas que não tinham aqui alojamento, visto que o Instituto só possuía instalações para internar os doentes que carecessem de applicações de rádio ou de intervenções cirúrgicas. Está já aprovado pelo

ministro das Obras Públicas o plano geral das obras do Instituto em Lisboa, que compreende as instalações necessárias para todos os doentes que procurem em Palhavã o alívio dos seus males. Mas, devido à guerra, não foi possível ainda dar o incremento desejado a essa obra grandiosa.

Foi por isto que a Liga Portuguesa contra o Cancro resolveu erguer imediatamente um pequeno pavilhão, de linhas simples e de construção económica, onde se pudessem internar esses pobres doentes, que têm de permanecer em Lisboa para tratamentos de raios X, e que se instalavam em quartos alugados ou pensões baratas, nas condições mais precárias e miseráveis. O problema apresentava-se, assim, nitidamente, a quantos prestavam a sua contribuição ao magnifico funcionamento do Instituto. Era preciso, pois, procurar uma solução — menos definitiva, mais de começo — para a situação premente. E foi então que ao estímulo do escritor e jornalista Dr. Mário Neves, que exerce funções de administrador geral do Instituto de Oncologia, se pôde atribuir a melhor, se não a maior contribuição desta realização de magnifico sentido humanitário. Obtido um

subsídio valioso do sr. ministro das Obras Públicas, pelo Fundo do Desemprego, efectuou-se a construção em poucos meses. O novo pavilhão foi inaugurado em 27 do corrente, completamente equipadado, e encontra-se já quasi repleto de doentes que estavam a fazer tratamento no Instituto, em regime de consultas externas, e que ali têm estado a dar entrada por turnos.

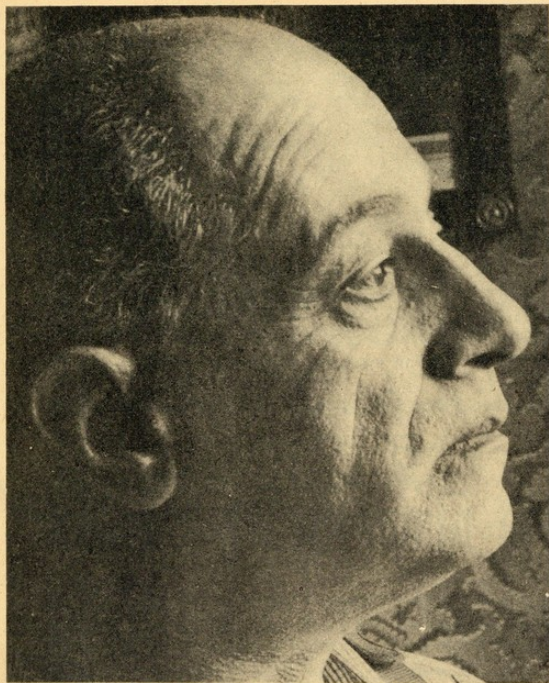
A enfermagem está confiada às alunas do último ano da Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia, e os doentes encontram ali o ambiente carinhoso e pacifico que o seu melindroso estado requiere.

O novo pavilhão, que tem capacidade para 36 doentes, encontra-se enquadrado por um lindo parque em formação, onde os pobres doentes podem passear durante o dia.



É este o corpo de enfermeiras que tem a seu cargo o modelar funcionamento do Instituto de Oncologia.





Mestre Alves da Cunha tem destas expressões (foto Serodio)



Sobre o livro em que acaba de pôr a sua assinatura...



Roubamo-lo, por momentos, e sentamo-nos a ouvi-lo...

# Mestre

**J**A se extinguiram os últimos ecos das últimas palmas. Alves da Cunha está levemente páldio, com os músculos retezados. Sente-se que está gelado como gum dia de estreita. O livro em que acaba de pôr a sua assinatura, para selar o acto de posse, fechou-se ainda fresco de tinta, cheio de assinaturas da gente célebre que está presente. Desde as 15.50 do dia 1 do corrente, mestre Alves da Cunha é professor do Conservatório. O maior actor português da actualidade, que Lisboa só vê representar em condições esporádicas, e que a Itália acarinha, num convite para o ver representar o repertório Zaconi — porque o consideram o único trágico europeu capaz de o fazer — anda ali aos apertões de amigos. Roubamo-lo, por momentos — caiu meio mundo das letras e das artes, nas salas do Conservatório — e sentamo-nos a ouvi-lo.

Valerá a pena falar dos primeiros passos do artista? Talvez não — ou talvez sim. Porque ainda há quem se lembre da sua estreia no Gimmásio, ao lado de Joaquim Silva.

— Representava-se «A Volta», de Nobre Martins, e eu fazia um herói civil que fora combater nas hostes contra o Couceiro... Já lá vão 30 anos, nada menos!...

— Foi o seu primeiro dinheiro, ganho no Teatro, porque nunca teve outra profissão...

— Nunca tive outra profissão mas no teatro nunca ganhei dinheiro... Só perdi...

E lembra, com graça:

— O que poucos saberão é que estive para enveredar pela carreira diplomática!... Mas não me demovi aos rôgos de um amigo que ainda vive. Tinha o demónio do «micróbio teatral» a morder-me o sangue...

— Há pouco, no seu discurso de posse, falou de Lucinda Simões...

— A minha grande mestral Que respeito, que veneração conservo pela sua memória... Era uma artista diferente de tudo que os novos possam imaginar. E que espirito, que vivacidade — vá lá — sem excluir uma certa ironia que às vezes as senhoras, mesmo as cultas sabem empregar e a que se chama geralmente má lingual!... O camarim de Lucinda Simões era um cenáculo, não calcula... Um cenáculo a que a própria presidia com graça e espirito moço e a guloseima pelo doce de ovos, pelo champagne e a boquilha fina de marfim...

— Deve ter grandes recordações dêsse magnífico momento teatral português...

— Se tenho! Mas isso fica para contar um dia, nas páginas de um livro...

— Depois de «A Volta» que representou mais?

— Ainda sob a direcção de Lucinda, representei «O príncipe herdeiro», a «Conspiradora»... E vieram a seguir «O deputado independente», a «Madrinha de Charley». Mas, então, já trabalhava no D. Amélia que ardeu em 1914. A companhia passou para o S. Carlos e fez ali com Braão, «O Gavião». Fui depois ao Brasil, donde regressei em 1919 e do qual conservo recordações pitorescas inolvidáveis.

Ante os olhos de Mestre Alves da Cunha passa o Brasil 1919, com um mundo a desabrochar dentro de si, para o destino florescente de 1943. As amizades, as quasiuncas lusitanas na terra das samambaias, êsse trabalho intenso de pôr peças do meio dia para as 8 da tarde...

— Não foi um trabalho sério. Mas êsse traquejo havia de me prestar serviços inauditos!... Foi essa vertigem e êsse traquejo que me prepararam o êxito de «Alma forte» e de «Eva», que era de Paulo Barreto. E foi também essa experiência que tornou possível fazer-me empresário em 1920, no Politeama, ao lado do velho Gallardo...

E, como num âparte de ternura:

— Foi nessa altura que conheci minha mulher... Trabalhava com Virginia e foi a minha primeira contratada... Um contrato... que durará a vida inteira, como vê... Representamos o «Ninho de águas»...

Não queremos dizer que nêle construíram o seu ninho de amor. O lar de Alves da Cunha talvez não deva, mesmo, ser devassado ao público: tem qualquer coisa de sagrado, de burguês, de artístico que enternece. Alves da Cunha, de resto, que é um pai extremo, é um homem diferente na simplicidade do lar: galhofeiro, amigo dos seus amigos e com um humorismo diferente, que não costuma levar para o palco — porque o deixa no seu camarim, onde todas as noites se faz um pouco de conversa amena.

O criador de «Duas Causas» não se desvia do ponto de partida:

— Devo muito a minha mulher. A Berta tem sido a meu lado uma artista e uma companheira dedicada. E agüentou sem um emorecimento o meu repertório de grande responsabilidade, a exigir dela uma contribuição permanente e esgotante... Devo-lhe muito!... E nem todos o têm reconhecido!

Um momento de silêncio. Depois, volta-se ao ponto de partida:

— Trabalhava, em 1921, no velho Gimmásio, quando o fogo o destruiu. Lá tive que ir com a companhia para o S. Carlos, onde representei dramas, comédias, farsas... Joaquim Pratas estava então comigo. Mas logo saltei para o Apelo, cujas nobres tradições ainda não se tinham esquecido. Foi lá que fiz, com Adelina Abranches, o «Sansão». E fiz também o «Saltimbanco» e o «Inimigo do Povo»... Desta vez não



# ALVES da CUNHA

## PROFESSOR DO CONSERVATORIO

houve fogo... Mas mudei para o Nacional, onde estive de 1926 a 1929. Representei lá «O paraltico», «O homem e os seus fantasmas» e «Justiça», de Ramada.

Passava pela entrevista um dos poucos nomes de autores portugueses que aparecem no repertório de Alves da Cunha. E quando lhe perguntámos porquê, essa ausência de originais, ele responde:

— Para lhe falar com franqueza, não sei. Sempre tive o melhor desejo de contribuir para o encorajamento dos autores nacionais mas a verdade, é que eles raras vezes se interessam por mim... Ou por outra...

E Alves da Cunha ri a bom rir:

— Peças não me faltam. Você não faz idéias: não há funcionário público aposentado nem velho escrivão que me não venha trazer uma peça «escrita para o sr. Alves da Cunha»... E são romances de capa e espada e dramalhões «históricos», coisas de fazer arrepiar os ouvidos, essas que todos dias me caem na secretária...

E, depois, num aparte malicioso:

— Há um patife d. eum empresário que quando se quiere ver livre desses autores furiosos, costuma dizer: «Oh, meu amigo, isto é muito bom, muito bom, mas em Portugal só há um homem que lhe representa: é o Alves da Cunha». É claro que eu já me tenho pagado na mesma moeda, fazendo-lhe a mesma patifaria!...

— Que faz parte da «mise-en-scène» dos bastidores...

— E, neste género, quantas coisas eu poderia contar! Coisas que valem, principalmente, para pôr à prova o sangue-frio do artista... Olhe, por exemplo, lembro-me de que uma vez, na «Primrose», que eu fazia com o Brasão—ele representava o papel que eu hoje faço—passei momentos bem aflitivos... Havia uma altura em que eu me ajoelhava para lhe beijar o anel cardinalício... Pois o patife todas as noites me apertava o nariz com tal força que eu suava as estopinhas! «Largue-me o nariz, sr. Brasão, olhe que eu gritol...» E lhe, nada, apertava sempre mais: «Anda, malandro, beija-me o anel...» Mas estas são as cenas que se passam aos olhos do público e que são representadas só para os que estão no palco...

— Porque eram bons artistas e não se desconcertavam...

— Evidentemente. Fôssemos hoje fazer uma dessas!... Não os vemos, quanta vez, «descompõem-se» em riso, nas cenas mais sérias?... Só uma vez me lembro de um deslize desses. Foi com a Virgínia que teve sempre os ouvidos fechados a palavras grosseiras. Um dia, o José Ricardo disse-lhe em cena: «está ali na platéia um sujeito que não tira os olhos de ti... Que bela estampa... A Virgínia perguntou: «Onde?» o José Ricardo explicou disfarçadamente: «ali, à esquerda, na platéia»... Virgínia deu com os olhos num respeitável careca e, coitada—não se conteve: veio-lhe um tal ataque de riso, que foi preciso descer o pano!

— E que impressão lhe causa o público?

— A de maior respeito! Tenho um respeito, um temor, quasi, pelo público... Ah! mas exijo dele o maior respeito também, dentro do teatro. Representar, para mim, não é fazer uma palhaçada, dar um brinquedo ou um divertimento ao público... O espectáculo teatral é uma sessão cultural que merece a compostura do espectador, como bom colaborador que é no espectáculo...

— Acredita que haja crise teatral?

— Seria melhor não abordarmos isso por agora...

— Mas...

— É que o problema é tal qual as cerejas e se nos pomos a falar dele, nunca mais nos desembaraçamos!

— Mas há ou não há crise?

— Há! E há, principalmente, porque durante muito tempo o Teatro foi uma espécie de caixote do lixo, onde desaguou tudo o que não tinha préstimo para nada! Talvez não creia: mas há em Portugal à volta de mil artistas teatrais! Pois, procure, procure e diga-me se temos ingénuas, se há por onde escolher damas-galãs, se os característicos e os galãs são disputáveis... Não há artistas novos em Portugal—e aquilo que aparece de novo, sabe só Deus por que processos aparece e que mérito real possui!...

— A que atribuem os artistas a instabilidade no Teatro?

— Uma temporada teatral não se pode fazer com os olhos postos no prejuízo da primeira peça. Deve olhar-se à parte artística, à parte de dentro, para se alcançar o êxito da parte de fora... Lá fora a experiência aconselha isto mesmo. Eu creio, entretanto, que dentro de algum tempo o Teatro português, como grande expressão da nossa cultura, há-de caminhar para um plano de maior dignidade artística...

— Está contente por ter sido chamado a dirigir este curso de alta encenação, no Conservatório Nacional?

— Que posso eu dizer-lhe? Era um dos grandes sonhos da minha vida! Por falsa modestia, podia dizer: eu não merecia... Por falsa vaidade podia dizer: é um trabalho como qualquer outro. Mas não. Isto significa muito para mim. Tinha chegado a um ponto da minha arte em que sentia ter já alguma coisa que comunicar aos novos, daquilo que os velhos me tinham transmitido. Insuflar nos rapazes e nas raparigas que começam, ainda sem os vícios de um mau traquejo por palcos,

aquilo que Lucinda e Araújo Pereira, os meus dois grandes mestres, me tinham ensinado... aquilo que eu aprendera com Ferreira da Silva, com os Rosas, com o Brasão... Nada disso se deveria perder e eu, porque sou dos últimos que lidei com eles, sou talvez dos primeiros a ter a memória mais fresca dos seus ensinamentos, dos seus exemplos...

— Agora que tem funções públicas, tenciona preocupar-se menos com a sua profissão de actor?

— De maneira alguma. Só não trabalho agora, porque não tenho onde. Se souber de alguém que queira pagar-me o aluguer da minha actividade teatral...

Deixamos passar o humorismo sangrante do Mestre vara lhe perguntar:

— E de cinema gosta?

— Muito. Gostaria muito de trabalhar para o cinema. Mas ainda nenhum dos nossos realizadores teve a arte de me descobrir talento cinematográfico...

\* \* \*

Muitos amigos o rodeiam. Há mais abraços, mais outras mãos que o apertam. Todos sabem que este é um grande dia para o mestre do Teatro português. E todos os que são amigos vivem a sua alegria, a sua comoção sincera. A sua passagem pelo Conservatório há-de dicar assinalada. Ele há-de fazer novos cultores da Arte que lhe presa e dignifica. O público, os amigos do Teatro esperam muito dele—e ele fará tudo pelo Teatro, que é a sua grande paixão...



O caricaturista Santana viu assim o grande trágico

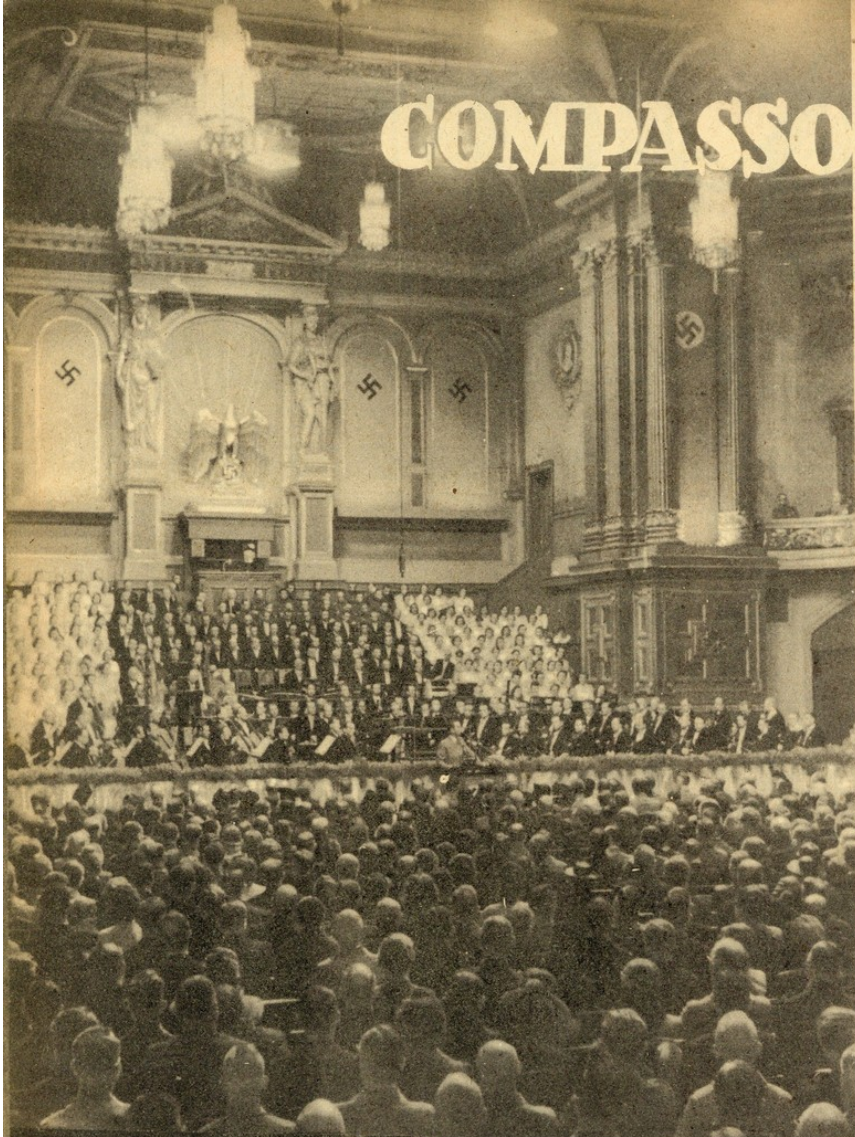


# COMPASSO *musical*

## NO CONCERTO DA GUERRA

A grande Orquestra Filarmónica de Berlim mantém as suas tradições de agrupamento excepcional. Além das visitas ao estrangeiro — esteve recentemente entre nós e visitar-nos-á em Junho, com a grande companhia de ópera de Berlim que vem apresentar o repertório de Wagner — este magnífico conjunto musical mantém-se em intensa actividade. No dia do aniversário do Fuhrer, deu um concerto na sua sala de espectáculos. Antes do espectáculo, o Dr. Goebbels, que se vê na foto, pronunciou um discurso.

O maestro Han Knappertsbueh, rege a Orquestra Filarmónica de Berlim. Este concerto anual, por ocasião do aniversário do Fuhrer, é um compasso de espera no drama mundial — ois de arte no concerto da guerra.





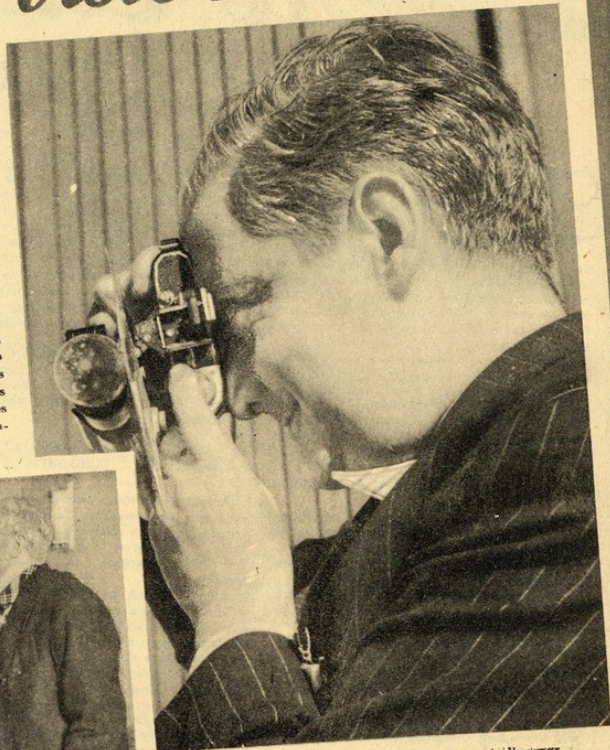
# AFINAL: *Já tinha visto* ESTAS CARAS?

**N**O nosso número 105 demos quatro fotografias sugestivas e apresentámos à argúcia visual do leitor o problema:  
— ONDE VIU JÁ ESTAS CARAS?

Chegaram-nos respostas — umas erradas, outras certas. Mas completas, bem poucas. Entretanto, parece que não era difícil de acertar: Se o leitor frequente teatros, há-de ter visto a graciosa vedeta Irene Isidro; se escreve — seja escritor, escrevente ou escrevinhador — há-de ter entrado em papelarias; se frequenta lugares de «bom tom» — dêstes que merecem fotografia nos jornais — há-de conhecer o Ben-noliel, que é repórter fotográfico; se é desportista ou amador do desporto — por força que já conhecia o Mário Simas, o nosso campeão de natação!

Portanto — tinha tódas as condições e possibilidades para ter «adivinhado» de quem eram as caras que nós «apantáhamos» na rua e que revelamos agora no própria meio da sua actuação profissional.

No próximo número, daremos detalhes de monumentos de Lisboa que o leitor poderá ajustar ao ponto donde os fomos tirar. E, como já havíamos dito, isto não é um concurso, com a mira de obter leitores por intermédio de prémios. Preferimos ficar na ideia de que nos lêem pela leitura — passe a paráfrase — e que compreendem que lhes oferecemos este passatempo, como se fôsse um quadradinho de palavras cruzadas ou um problema de charadas sinopadas...



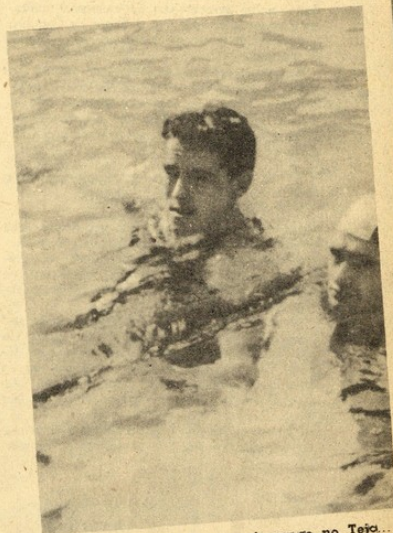
Judah Benoliel assenta a objectiva e vai disparar...



Irene Isidro contraccena no «Zé dos Anzós»...



A menina Maria Arlete Cunha é caixeira na secção de conetras da Papelaria Rijo...



O nadador Mário Simas refresca-se no Tejo...



# o Caderno

## DE UM REPORTER

**C**RIANÇAS grandes ou homens pequenos, infantis, como o rei D. Manuel — eis o que me sai de entre mãos, sempre que intento a análise psicológica dos promotores ou contraditores do Cinco de Outubro.

Gostaria de estar em condições de promover um amplo processo histórico da República. A ingenuidade trágica e grandiosa dos seus actores e percursos ia até à simplicidade de costumes da própria família real. Por isso, o que hoje nos faz sorrir assumia, então, proporções de «scandaleiras».

E, eletrizados, atrevemo-nos a mudar de regime ante uma Europa atónita, imperial e arrogante. Não fizemos uma simples revolução burguesa, conforme depreciativamente escreve de nós, ao recordar os «jóvens-turcos», Lenine, profissional revolucionário, no «L'Etat et la Révolution».

### POUCO ANTES, NO «28 DE JANEIRO»

O russo enganava-se. A cousa era romântica, heróica; e sem dúvida que representou os últimos arancos desinteressados de uma pequena classe média malograda, mas ciente do seu destino histórico.

Temos, por exemplo, este Cândido dos Reis, o mais categorizado dos nossos oficiais da Armada. Como todos os outros, nada tivera com a revolta do cruzador «Dom Carlos», acontecida anos antes. Sentira-se, porém, um não sei quê de irreprimível naquele motim de marujos. Se não intervínham, para policiar discretamente os tempos novos, quem conteria a multidão inabsovrída por um regime político estático, sem porosidade e fendido como cântaro velho farto de ir à fonte?

Dentro da atmosfera da época, esta doutrina bastava. Um pouco antes do malogrado «28 de Janeiro» — e malogrado apesar de dispor de muito maior percentagem de elementos militares e civis de choque que o Cinco de Outubro — a revolução em marcha pertencia a oficiais de marinha.

Foi assim que, num entardecer pacato, ligaram o guarda-marinha José Mendes Cabeçadas Júnior. Ele ficou bastante surpreendido ao divisar, através do ligeiro véu da clandestinidade, a face cavada e hirta, do almirante Cândido dos Reis.

### TRÊS DE OUTUBRO: DIA DE S. CÂNDIDO

De stêto em salto, ora um pouco acima, logo bastante em baixo, a organização pré-revolucionária manteve-se através dos inevitáveis desgastes e até das alucinantes «pavorosas» — baptismo consagrado dos intentos governamentais para dissolver os discordantes.

Certo é ter sofrido, moralmente, mais que nenhum, o almirante Cândido dos Reis. Os outros dirigentes, menos sabedores, sem dúvida, das responsabilidades contraiadas, ou de maior consistência epidérmica, resistiam melhor. Ele não. Mais se avelhentava, dia por dia, hora por hora.

Aconteceu mesmo, ao aproximarem-se os momentos culminantes, o facto desastroso da mor-

te violenta do doutor Miguel Bombarda. O Almirante, naquela segunda-feira, teve de decidir tudo. Mas, o que mais o preocupava, nele, valente e honrado, era a sorte de todos os outros, desses centenaes de oficiais e milhares de militares ou militantes que trabalhara através do dédalo prolíxo das organizações.

Tinha de ser, porém. Pôs em curso as ordens e senhas e contra-senhas recebidas do doutor Miguel Bombarda. Fixou, para rasgar, as listas fundamentais. E, ao olhar para o calendário da agenda, leu maquinalmente:

— Três de Outubro: dia de São Cândido!  
E murmurou: — Tal patronímico com o meu apelido de... Reis! Cousa boa não me poder, acontecer! Quanto a mim, nada valho. Mas... e os outros?

### MELANCOLIA, TIMIDEZ, PUNDONOR...

Acariciou o gróssio pistolão debaixo da casaca azul, sem dourados. Os seus longos dedos afilados puxavam mais a pala do boné de marinha, a encobrirem o escavado perfil, o pendente bigode enérgico, o queixo magro e voluntarioso.

Alguns oficiais transmitiram as ordens. O «Adamastor» era certo, o «João Rafael» também; e quanto ao «São Gabriel» realizava, naquele momento, a célebre viagem de circumnavegação sob o comando de Pinto Basto. Restavam, no entanto, várias incógnitas: o «Dom Carlos», o «Vasco da Gama», a fragata «Dom Fernando» e o aviso real «Dona Amélia». E, em terra, o quartel de Alcântara, a base de Vale de Zébro e o próprio Arsenal de Marinha. E a guarnição militar?

### O HORROR DO RIDÍCULO E A RECORDAÇÃO DO FRACASSO DE 28 DE JANEIRO

Não, não era um optimista Cândido dos Reis como Machado Santos — simples, confiado e jóvem. Ser-lhe-ia inconcebível a marcha heróica feita pelo ardente oficial, com meia dúzia de canhões e de soldados, através dos dezóito mil homens de guarnição na capital.

Tudo esperava do Tejo. Só o rio poderia decidir dos destinos da grande conjuração. O quadro da marinha de guerra com o Arsenal e o quartel dos marinheiros, garantiam o triunfo ou seja o assalto rápido do paço real das Necessidades.

Se as peças do complicado xadrez não funcionassem com presteza, era o ridículo para ele e a ruína de milhares de famílias. A máquina de repressão alçava-se e o rei, desmentida a política de acalmção, reentregaria o poder ao franquismo. Melancólico, tímido, pundonoroso, trabalhado por todos estes absorventes pensamentos, Cândido dos Reis, chefe inevitável e único da revolução em marcha, agora que Miguel Bombarda — única vontade poderosa em seu ânimo, dormia o último sono no Banco do Hospital de S. José — via-se só e impotente ante a responsabilidade do ridículo. Repetia, murmurante: outro 28 de Janeiro!

### DESCONHECIMENTO DO ÊXITO NA REVOLTA DO «ADAMASTOR» E DO QUARTEL DE ALCÂNTARA

E esperava, no sítio convencional, o escalar que o levaria ao navio que primeiro se sublevasse. O tempo transcorreu sem que o serviço de informações alguma noticia concreta lhe trouxesse. Ele teimava, impaciente, medindo o tempo ansiosamente. Todos os indícios favoráveis eram convertidos pelo seu espirito de severa introspecção em provas manifestas de fracasso. Desejou, pois, morrer com os outros e legar-lhes o cadáver à guisa de galhardete. Insistiu, pediu, aos seus oficiais, que rösssem para casa.

### O TIRO NA AZINHAGA E A ALTIVEZ MORAL DE CÂNDIDO DOS REIS

Nada lhe chegara às mãos de concreto. Não soubera do êxito completo a bordo do «Adamastor» e que este, comandado pelo segundo tenente Cabeçadas, estava sob pressão. E, se do domínio absoluto em Alcântara lhe chegou, porventura, o eco dos escassos tiros, deveria interpretá-lo como mais um êxito da Municipal.

A sua altivez moral, se lhe impedia a fuga, muito menos consentiria a travessia aventureira através da cidade. Portanto...

— Dia três de Outubro!... Dia de São Cândido! Dia de São Cândido!...

Despontava, ao longe, a madrugada. Pouco depois, recolhiam o corpo ainda latejante do Almirante Reis numa das azinhagas onde se rasgou a avenida do seu nome. Os canhões republicanos da Rotunda e do Tejo já se correspondiam em nutridas salvas.

Sómente os interceptava a artilharia ligeira de Paiva Couceiro. Mas todos os republicanos julgaram a causa porque lutavam, morta para muito tempo.

### A REVOLUÇÃO SOB O MANDATO IMPERATIVO DOS MORTOS

Tal não sucedeu devido ao imperativo mandato dos Mortos — precisamente daqueles cujo fim inesperado, brutal, em absoluto inesperado, indicava o fim de todos. A debandada inicial, e que alguns oficiais de terra haviam começado já, deteve-se. O vasto corpo revolucionário, galvanizado pela lei inexorável da morte, manifestou todo o seu poder tentacular.

As restantes unidades navais sublevaram-se; a guarnição militar, ou aderia ou deixava fazer. A família real escoava-se na emigração digna de Gibraltar sob o comando sisudo de Velez Caldeira.

E a revolução, iniciada a 3, dia de São Cândido, era rematada, triunfalmente, no dia 5, consagrado a São Constante e a São Plácido. Assim brotou, sob este paradoxo da corte celestial, o novo regime, devendo-se-lhe acrescer o de estar o dia 4 sob o patrocínio de São Francisco de Assis, fundador das três ordens franciscanas...

CONSIGLIERI SA PEREIRA





# a ITALIA em guerra



1) *Espectativa. Mais expectativa. Todos os minutos se repetem, todos os minutos são iguais. Os homens são também quasi sempre iguais — e iguais são os aparelhos. Encrentando, tudo se reveste de emoções novas, em cada minuto que passa. Depois, há a expectativa. Cada momento que chega, pode ser um momento excepcional. Com este aparelho, com os homens que o tripulam, que de coisas novas virão também? A guerra repete-se — mas sempre de maneira diferente... — 2) O motor começou a trabalhar. O aparelho vai partir. Boa viagem, muita atenção aos conselhos dos que ficam em terra. Esse capacete e o roncar do avião não ajudam, mas — atenção! — 3) Chegou um avião com feridos. A ambulância da Cruz Vermelha aguardava a chegada das vítimas da frente de batalha. Ser-lhes-ão prestados os socorros de urgência e, depois, seguirão para o hospital. — 4) Figueiras dg India, uma casamata caída de branco, um sol de reverbros intensos — ou o recanto de um aerópôrto na Sicília...*







## FAÇA DE PAPEL

«Rajada e outras histórias», assim se intitula o novo livro de Castro Soromenho. Deve aparecer dentro de algumas semanas, editado pela Portuguesa Editora.

— «Uma história de província», romance de João Gaspar Simões, em reimpressão, foi já pôsto a venda. Edição da Parceria António Maria Pereira.

— O próximo romance da coleção «Contemporâneos», dirigida por António Ferro e editada pela Livraria Tavares Martins, do Porto, será «Primaevera», de Sigrid Undset.

— Um novo romance e um novo romancista. O romance chama-se «A Garça e a Serpente». É seu autor o poeta Francisco Costa. Edição da Parceria António Maria Pereira.

— Hipólito Raposo vai publicar: «Fóllhas do meu cadastros», (Edições Gama).

## OUVINDO



## HERNANI CIDADE

O professor Hernani Cidade aproveita as férias em Sintra. É ali que o encontramos pouco depois da Páscoa, e lhe falamos do seu novo livro sobre Camões — um trabalho de alta projecção intelectual. Perguntamos-lhe se há na sua obra uma preocupação de objectividade crítica. Responde logo:

— Sim. Preocupação de objectividade tanto maior quanto mais íntima a certeza de ser impossível eliminar o coeficiente subjectivo de toda a obra humana...

— Em trabalhos futuros, continuará fiel ao século XVIII?

— Em literatura não sou fiel aos amores, nem ciumento... Creio que, pelo menos nela, o prazer está na variedade. Apaixonei-me o século XVIII por ser um século de inquietação espiritual e anseio renovador. As sociedades como os indivíduos interessam na medida em que nelas se afirma o que de especificamente humano as distingue, o estímulo a superar limites...

— Em que trabalha agora?

— Estou a preparar, com as lições deste meu último período escolar, um volume para a Agência Geral das Colónias, em que estudo a influência de vária ordem que a expansão ultramarina exerceu sobre a nossa literatura e a influência que historiadores e poetas tentaram exercer sobre os obreiros de tal expansão pelas normas novas por que os julgavam. E agora, na última época escolar, preparei outro livro para o editor de Coimbra sr. Arménio Amado — *Colecção Stadium* — sobre a evolução do conceito da poesia, estudada em teóricos e poetas da língua portuguesa. Depois...

Mas o depois não responde ao agora.

Agradecemos a Hernani Cidade — e deixamo-lo entregue à sua vida exemplar de homem de pensamento e erudito.

# Semana LITERARIA

Por LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS

## MISSÃO E DEVER DO CRÍTICO LITERÁRIO

FOI com justificada alegria que os intelectuais portugueses e, sobretudo os que, dentre eles exercem crítica literária activa, receberam este livro de Alvaro Lins, *Jornal de crítica*. Alvaro Lins é um escritor católico brasileiro, (melhor direi, um «católico escritor», para empregar a fórmula usada, salvo erro, por Mauriac e defendida também por Julien Green) um ensaísta e crítico que exerce funções regulares no «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro. *Jornal de crítica*, a seguir ao seu ensaio *História Literária de Era de Queiroz*, veio confirmar, em colectânea de crónicas literárias particularmente equilibradas e celéticas, um temperamento arguto, acordado para todas as solicitações do espírito e — o que é mais importante — um espírito formado ao calor de filósofos e humanistas, e que soube encontrar nas disciplinas clássicas uma possibilidade de compreensão humana e de adesão espiritual da melhor fibra.

Quanto a mim, e para além do seu valor intrínseco, *Jornal de crítica* tem este significado especial: ser obra viva, palpante, tratando de assuntos que, a tantos, se afiguram mortos. A sua própria formação foi Alvaro Lins buscar a riqueza emocional, a substância necessária para não se cingir a rígidos conceitos no estudo das obras que se lhe deparavam. Alvaro Lins trata os livros como pessoas. E os livros não serão pessoas?

Criticar é, decerto, julgar. Um crítico literário não pode abstrair da sua própria personalidade, da sua pessoa humana e espiritual, nos juízos que formar a respeito duma obra. Mas esses juízos há que formulá-los com simpatia e compreensão. Deve estar ao facto indementível de possuir estes dois dons, e de saber usá-los, o segredo de repercussão que teve nos meios literários de Lisboa o novo livro de Alvaro Lins. Pondo no topo do seu preceptorado a conhecida definição de Sainte Beuve: «Je critique n'est qu'un homme qui sait lire et qui apprend à lire aux autres». Alvaro Lins defende a tese — justíssima — de que o crítico deve ser solitário «porque sómente na solidão o homem conquista a liberdade nos seus estados de absoluta pureza e de absoluta força». Confessa ter aprendido essa experiência na «lição da igreja, através dos místicos». E condensa, na estirpe de Léon Daudet, o sentido da sua missão nesta frase: «o método do crítico há-de ser sempre o da sua própria pessoa, já carregando uma vocação e uma formação ao officio».

Não admira, portanto, que os intelectuais lisboetas tenham descoberto, surpresos, em Alvaro Lins um grande crítico literário da língua portuguesa, um homem com esta rara faculdade de expressar as ideias mais justas servindo-se da forma mais clara.

Dom da simpatia, arte de saber ler e compreender o que se lê. Eis o que deve servir de lema ao crítico literário de hoje. Se no exercício doutras funções críticas essa dupla qualidade da simpatia e da compreensão não é exigida — em literatura ela é indispensável. Um país não fica *desfalcado* se não tiver um bom teatro ou uma boa arte cinematográfica. Já o fica, porém, se não tiver uma literatura suficientemente representativa.

A crítica literária, devendo ser judicativa, tem que ser, sobretudo, feita de compreensão — e de amor. A literatura faz parte do património nacional. É através dela que um povo se exprime, se reproduz e se explica melhor. Um país — quasi o poderíamos dizer — vê-se ao espelho na obra dos seus escritores. Como dizia Hello: «a crítica é a consciência da arte». E para se criticar uma obra literária é preciso, de certo modo, ter em si essa própria consciência, definidora e purificadora.

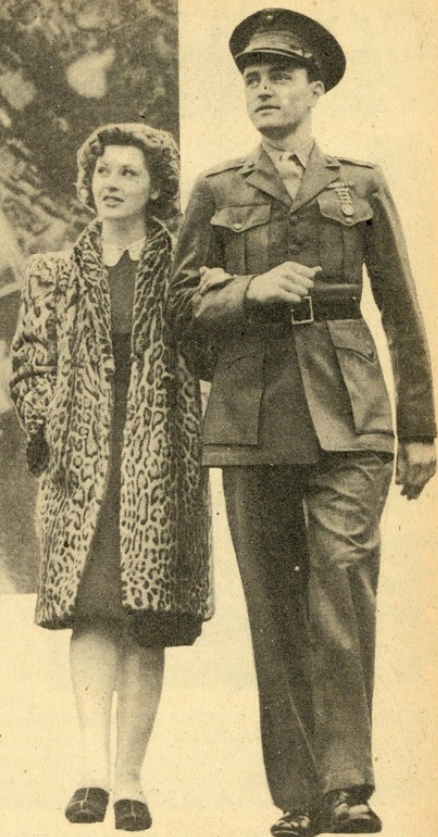
Seria injusto e tendencioso negar que já hoje há em Portugal um núcleo de críticos literários honestos e competentes que não fazem da Imprensa balcão de adjectivos nem das suas tribunas varandas de eloquio mútuo. Creio mesmo que é em matéria de crítica literária que mais vocações se têm afirmado ultimamente entre nós e que, por forma mais segura e definida, se tem formado, a pouco e pouco, embora, uma escola e um método.

Alvaro Lins, porém, situa-se com o seu livro à margem de qualquer processo e acima de qualquer sistema conhecido. É sob este aspecto que o seu livro me parece um excelente modelo. Não abdica da sua ética própria — poderá o escritor ignorar as suas responsabilidades ou não conhecer a necessidade duma ética? — mas afirma a alto e bom som que, crítico literário, só tem um partido: o partido da literatura. Trata-se, evidentemente, mais de uma intenção que duma realidade. Um homem é indivisível, e — felizmente para ele — Alvaro Lins não consegue, na sua própria expressão, renegar a marca da sua formação, marca que é «a sua própria vida, no sentido actual e no sentido sobrenatural».

Nesta tribuna que hoje venho ocupar, e em que darei conta de livros, e de problemas que porventura esses livros me forem sugerindo, tentarei não esquecer nunca que a crítica será, na definição de Hello, acima citada, «a consciência da arte», mas que a Arte deve ser sempre a consciência do homem — ou o seu reflexo.



# INTERVALO de guerra



Num intervalo da guerra, o sargento norte-americano Frank M. Connolly casou com a artista Antoinette Lupino.



Os aviadores precisam de sentir a presença dos grandes chefes, ter a certeza de que eles estão sempre a seu lado. O marechal do ar, sir Arthur Harris assim o compreende e explica nesta visita a um aeródromo.



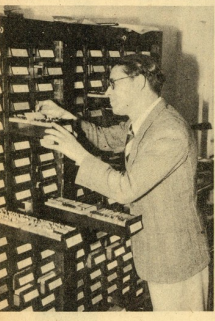
Dizer como foi que aconteceu cria emoção e dá ambiente. Este piloto de uma esquadrilha da R. A. F. no norte de África, conta com certo pitoresco ao oficial de Serviço de Informações, como foi que aconteceu...



Os homens que combatem não são supersticiosos. Mas têm as suas mascotes—como esta cabrinha, por exemplo...



# CONHECEM-NOS? SAIBOS "POETAS POPULARES"?



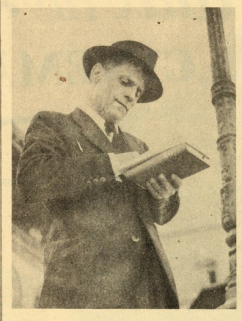
Indagando trabalho no Secretariado de Emprego Nacional, o poeta que se chama Manuel de Aguiar.



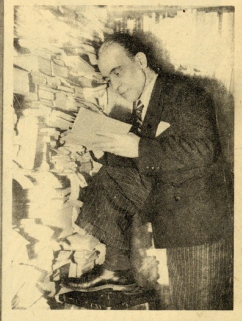
O cearense, Carlos Costa, que tem certeza de não poder ser considerado um poeta.



Henrique Alves, que vive de escrever e de escrever para o povo.



Outro veterano, Luíz Carlos Barbosa, que tem muitos poemas populares.



Hilda Guimarães de Irecê, que sabe de tudo e escreve poemas populares.

**BLENCO!** vá-se cantar o fado! A sala fica lúrea numa penumbra que incide na parede. O cantor, com o violão, canta. A sala fica lúrea numa penumbra que incide na parede. O cantor, com o violão, canta. A sala fica lúrea numa penumbra que incide na parede. O cantor, com o violão, canta.



Uma sessão de fado. O cantador que canta os poemas que choram o público que ouve.

noites das Escaladas da Sade—ela, garçola, sala de baeta, chovendo a sereno—mas o Cantador—o que matou o touro, diante de Marialva. E que se formou o grande poeta, o grande poeta, o grande poeta, o grande poeta.

Como vivem esses homens? Andaram em lutas? Também andaram em lutas. Também andaram em lutas. Também andaram em lutas. Também andaram em lutas.

de figurado—o grande—o por ter gravado, no fado, uma poesia. Mas aquilo que escreve do fado não o obriga. Por isso é funcionário público. Outro poeta popular, de grande inspiração, Carlos Costa. Não há contador de fado que não saiba de suas letras. Vinte e três poemas de fado, escritos em 1920, e publicados em 1921, em Lisboa.

O público desconhece com são feitas as letras. Geralmente, o poeta escreve a música para um determinado cantor ou cantadoras. Mas há uma poesia de fado que não é feita para ser cantada. Há uma poesia de fado que não é feita para ser cantada.



O que é? Um cantador? Filipe Pato, o Gasparinho do povo, lá se entendem.





# 7 dias de CINEMA

POR FERNANDO FRAGOSO

O conflito não é novo. O Teatro e o Cinema exploraram-no em dezenas de peças e centenas de filmes. Dramas, comédias, farsas, contaram-nos as aventuras e desventuras dos maridos, que se casam com mulheres, cujas profissões as mantêm o dia inteiro fora do lar. O assunto é sério, pela sua projecção social. E mais sério se torna quando a mulher, pela natureza do cargo em que se notabilizou, é inteiramente absorvida pelos deveres e obrigações desse mundo exterior. O lar torna-se então, mais do que uma preocupação — um embaraço. O marido ocupa, na sua vida, lugar semelhante ao do canário que canta na gaiola do quarto, ou o cãozinho de luxo, que costuma passear pelas ruas, quando o horário do trabalho lhe consente.

E como o homem não gosta de ser relegado para um plano secundário, e entende que deverá constituir, dentro do lar, o polo da actividade e dos afectos da cara-metade, a procela, anunciada pelas nuvens negras do sobrecenho carregado, não tarda em rebaratar. E de duas, uma: ou a mulher renuncia à sua vida extra-muros — ou o «home sweet home» transforma-se na sucursal do Purgatório...

É claro que há excepções! E há que contar sobretudo com o bom-senso, com o equilíbrio, com a formação moral da Mulher. Nos tempos que vão correndo, tão ásperos e tão difíceis — não podemos exigir em cada lar uma «gata-boçalheira», mesmo que seja Anjora... Tão pouco são de condenar essas raparigas corajosas, que tomam a seu cargo a parte que lhes compete no fardo comum orçamental e se tornam nas mais dignas e carinhosas auxiliares dos maridos, procurando, a par com ele, vencer a batalha da vida!... O mal não está portanto no facto em si, mas nas consequências. E numa sociedade, como a americana, em que a mulher, dum modo geral, é economicamente independente, esses exageros são mais sensíveis — e poderá ser considerada como «A mulher do Ano», aquela que menos sabe prestigiar e defender, dentro do lar — campo n.º 1 da sua acção — a missão sublime, aparentemente tão simples e realmente tão complexa, que só pela Mulher pode ser desempenhada.

A história da «Primeira Dama» é, até certo ponto, a história de «Maitre Bolbec et son mari»; e, como dissemos, de tantas outras peças e filmes,

que abordaram semelhante tema. Mas, na película de George Stevens, o problema é analisado profundamente, a despeito da superficialidade da narrativa... Mais do que uma ronda de factos — estamos em presença dum drama de almas. Tess sabe tudo o que se passa no mundo — mas ignora o amor. A sua vida está cheia de interrogações, de ansiedades, dos reflexos que agitam a humanidade — mas permanece vazia de afectos. Um dia Tess é vítima do «coup foudre». Julga poder conciliar a felicidade do lar com a sua absorvente vida profissional. E quando quer renunciar a esta para não perder o homem que ama, nota, surpreendida e desolada, que é incapaz de realizar por si a missão que a mais ignorante das mulheres poderá cumprir a preceito! E Tess sabe que, havendo sido proclamada a «Mulher do Ano», é incapaz de fazer a felicidade do Homem a quem quer dedicar a vida inteira. E é deste que colhe a lição da vida, a eterna lição do equilíbrio e do bom senso: ela não deverá ser somente a Tess Harding ou a Mrs. Craig — mas a Tess Harding Craig...

\* \* \*

«Se usarmos dos termos da caricatura — diz Erico Verissimo, no seu «Gato Preto em campo de Neve» — podemos dividir a vida das mulheres americanas em cinco fases distintas: 1.ª — Desde que nascem até aos quatro anos, são vistas dentro dum carrinho, empurrado pelos pais ou pela governante. 2.ª — Dos cinco aos doze, andam a comer cones de sorvete na companhia das outras meninas ou meninos, nos parques e jardins ou a caminho da escola primária. 3.ª — Dos quinze aos dezóito frequentam a Universidade, têm um «boyfriend», pensam num casamento ou numa carreira. 4.ª — Dos vinte anos aos vinte e quatro casam-se e desaparecem do cenário: passam a cuidar da casa, do marido e dos filhos. 5.ª — Lá pelos quarenta, quando os filhos estão crescidos e o marido já anda interessado em secretárias ou jovens coristas, elas reaparecem como membros de comités de beneficência, em sociedades literárias e em trabalhos de natureza social. Dão comida enlatada ao marido e frequentam salões de conferências.

E mais adiante Erico Verissimo afirma: «Mas

está claro que isto é uma caricatura. No fundo não deixa de ser também uma fórmula e, como tal, perigosa. O importante a observar nas mulheres americanas é a sua importância na vida nacional. Elas influem na literatura, na política e até nos negócios».

Tess Harding é um exemplo típico da mulher americana esquematizada e satirizada por Verissimo. A jornalista «enragée», temida e admirada, espécie de Dorothy Thompson ou de Louela Parsons, numa estilização feliz, é apenas, como cartaz, a «Primeira Dama». O mundo pode julgá-la o mais alto expoente «yankee» da feminilidade. Mas a sua criada de quarto não é da mesma opinião... E entre as cenas que melhor definem este estado de coisas — conta-se inequivocamente a seqüência do filho adoptivo. Quando o marido supõe operá-se nela o mistério sublime da maternidade — Tess traz-lhe para casa um refugiado grego, a que não pôde deixar de dar agasalho, porque a sua aura, de «woman of the year», assim o exigia...

\* \* \*

Quanto a mim, «A Primeira Dama», mais do que um filme notável — é uma proveitosa lição! Uma lição admirável para as frívolas raparigas de hoje, e, nomeadamente, para as loucas cabezinhas ócas de certas americanas que têm a liberdade de instintos e de preconceitos, condimentada com a independência económica, na conta de sinónimo da felicidade terrena.

Se Spencer Tracy, pela vida fora, mantiver a «main douce et ferme» — Tess só foi feliz quando soube combinar a emoção dum reportagem, com um jantar agradável, cuja sobremesa saiu das suas mãos. E Spencer Tracy, por seu turno, encontrará novas energias na luta pela vida, se a «Mulher do Ano» renunciar à publicidade, para se tornar apenas na sua Mulher — na Mulher do... Amo.

É tão nitida a intenção moralizadora deste filme — tão evidente as conclusões da tese que apresenta — que não deixará de ter sobre as jovens espectadoras uma influência, benéfica, e reconfortante.

E a portuguesa sentimental, amorosa e afectiva, sentir-se-á contente na modestia da sua casinha burguesa, sem os pruridos da falsa liberdade e da falsa independência — e não trocará, por certo, a vida que leva, entregue ao amor do seu lar, do seu marido e dos seus filhos, pela felicidade enganosa, pelo cartaz mentiroso dum título honorífico ou dum «logon» publicitário, ainda que seja esse, deslumbrante e atraente — de «A Mulher do Ano».



# actualidades GRAFICAS



Quando, há dias, a Casa de Entre Douro e Minho festejou mais um aniversário, foi concedida posse ao Conselho Provincial, cujos membros se vêm na foto.



A mais antiga publicação portuguesa, «Revista Militar», completou mais um aniversário. É o 85.º o foi festejado, solenemente, no dia 15, com a presença do Chefe de Estado.



Ao professor Wolf, contratado especialmente para professor de piano no Conservatório Nacional, o Dr. Ivo Cruz, director daquele estabelecimento, deu posse no passado sábado.



Alice Oeiras deu o seu último recital de poesia, no Nacional. Antes da sua apresentação no palco, o Sr. Presidente da República agraciou-a com a Ordem de S. Tiago.



No S. P. N. foi muito concorrido o acto inaugural da exposição de pintura do artista espanhol Mariano Moré, que deixou entre nós a melhor impressão da sua arte.



No Arsenal do Alfeite, efectuou-se a assinatura da contrato da construção de nove petroleiros, acto que marca uma data no movimento das nossas construções navais.

No Palácio da Independência, a M. P. inaugurou o VI Salão de Educação Estética, com a presença do Chefe de Estado e membros do Governo, constituindo assinalável êxito a impressão sobre os





# EL ESPAÑOL

SEMANARIO DE LA POLÍTICA Y DEL ESPÍRITU

Año II Número 24 Madrid, 10 de abril de 1943 Precio: ONS 70207

## ¡No me hable usted de la guerra!

Así reaccionaban los españoles más neutrales de hace veinticinco años

PERO HE AQUÍ COMO LA GUERRA DE HACE UN CUARTO DE SIGLO APASIONABA EN ESPAÑA



Muchas sorpresas en los medios intelectuales Germanófilos, aliados o indiferentes



EL ASESINATO DE SARAJEVO INSTIGADO POR UNA SOCIEDAD SECRETA SERVIA

Un balance de diez millones de muertos

LA ESPÍA "H-21"

Mata-Hari en España

Dejó a su paso una estela perfumada de tragedias

La espía Mata-Hari, que se convirtió en una de las más famosas de la historia, dejó a su paso una estela perfumada de tragedias. Su vida fue un constante juego de dobleces y engaños, que culminó en su ejecución por espionaje durante la Primera Guerra Mundial. En España, su figura se convirtió en un símbolo de misterio y peligro.



El "chantage" de Bolo Bajá ¿ESTAFADOR O ESPÍA?



EL ARCO IRIS ANTES DE LA TORMENTA

Por W. Fernández Flórez

El arco iris antes de la tormenta. Un momento de calma aparente que precede a una gran tempestad. La situación política y social de España en aquellos días de incertidumbre y tensión.

16 GRANDES PÁGINAS

MAGNÍFICA REPRESENTAÇÃO

COLABORAÇÃO SELECIONADA

TODA A ACTUALIDADE LITERARIA ATRAVÉS DAS MAIS BRILHANTES PENAS

exemplar: Esc. 2\$50

PROPRIETÁRIOS DE CAMIONS E AUTO CARS

Mesmo que possam comprar a 5\$40 o litro toda a gasolina de que necessitem, têm V. Sas. todo o interesse em mandar montar um gasogénio

GAZAUTO

(filtragem perfeita)

pois que aos 100 quilómetros fazeis uma ECONOMIA MÍNIMA DE... 85\$00

Para um percurso de 100 quilómetros por dia: ECONOMIA ANUAL MÍNIMA: 25 CONTOS ECONOMIA DE 50 % DE PNEUMÁTICOS

CITROËN

LISBOA 9. Av. Praia da Vitória

PÓRTO 180 Av. dos Aliados

COIMBRA 10. L. M. Bombarda



PAPEIS EM TODOS OS GENEROS E PARA TODAS AS APLICAÇÕES

IMPRESSÃO // COUCHÉS PLUMA // EDIÇÕES // JORNAL PAPEIS DE EMBALAGEM SACOS DE PAPEL FIO DE VELA

CARTOLINA // CARTÃO // PAPELÃO LIVROS COMERCIAIS // ENVELOPES ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO

AMADOR A. DOMINGUEZ & C. (FILHO)

ARMAZEM DE PAPEIS

RUA DOS CORREEIROS, 70

LISBOA

Endereço Telefónico: PAPIRO

Telefone 25854



# CALCADA DA GLÓRIA

À MANEIRA... DE JOÃO DE BARROS

## VIDA VITORIOSA

Não quero glória,  
Não quero paixão!...

Não quero beijos... Quero carvão  
De coque ou sóbro  
Para o meu fogão!

Não quero o orgulho das ajoradas,  
Quero a anteiga  
Para as torradas!

Não quero a luta do génio mau,  
Quero a certeza  
Dum bacalhau!

Não quero a guerra, nem ser algoz,  
Prefiro antes  
Ter muito arroz!

Não quero a névoa duma descrença  
Quero a final  
Ter um Parnaso  
Numa despensa!

Quero ser força que só acalma,  
Carícia tal  
Que prende a alma...  
— Bom apetite,  
Que nos incite  
A prosseguir no Ideal!

## DAR À LINGUA

O dr. Agostinho de Campos preleccionava, há dias, mais uma vez, com rigorosos escrupulos, sobre a pureza da lingua. Agora referia-se ao mau emprego da particula «de». Dizer, por exemplo, «Liceu Camões», «Rua Conde Redondo» é asneira; deve dizer-se «Liceu de Camões», «Rua de Conde Redondo», etc....

Eu confesso-me embaraçado. Não sei, em face de várias opiniões, se devo dizer:

Agostinho Campos  
Agostinho de Campos  
ou  
Agostinho dos Campos.  
Como será?

## PROGRESSO

O maestro Frederico Valério ia antes-de-ontem num automóvel que levava instalado no porta-bagagens os instrumentos dum «jazz-band». Apesar do muito que temos visto, é a primeira vez que se nos depara um automóvel... a «jazz-ogénio!»

## O MAESTRO FÃO



Forte, de olhos vivos, coração moreno,  
Bem servido de pés, e grão na altura,  
Triste de faxa, o mesmo de figura,  
Nariz alto no meio, e não pequeno.

Incapaz de tocar num só terreno.  
Mais propenso à batuta do que à espada.  
Ar de respeito, face levantada  
Sem medo, sem temor e sem empenho.

Da Guarda, o sabeis, já foi Maestro  
E mamejando as «notas» qual diestro,  
De mostrar o valor — oh! quanto ansejo!

Tema o coração puro, a alma lisa  
Ou éle não escolhesse por divisa,  
Esta do Fão, fão — e queijo, queijo!

ELMANO SALGADINHO

## UMA TORNEE

AURA Abranches e Manuela Bonito partem no dia 8 do próximo mês para uma «tournee» aos Açores e Madeira, levando um escolhido e sugestivo repertório. Bem se poderá dizer que nunca emprehendimento foi mais «bonito» — e nunca empresa se iniciou com tanta «aura»!

## FINS

— É preciso ter um fim na vida... — dizia ontem um sujeito na «Brasileira».  
— Isso é verdade — comentou o

jornalista Mário Rocha. — Mas talvez é preciso ter meios...

## REGISTO LITERÁRIO

A Calcada da Glória regista a recente edição do romance *Uma História de Provincia*, da autoria de João Gaspar Simões, singular pessoa que, dentro dum pesado envólucro fisico, realiza o prodigio, verdadeiramente aerodinâmico, de andar, diariamente, quilómetros literários; e regista a biografia de Manuel da Silva Gaio, escrita por Campos de Figueiredo, e em que se evoca a figura litera-

ria e moral dum autêntico romântico coimbrão.

## CUNHAS

ALVES da Cunha foi no meado professor da secção de teatro do Conservatório de Lisboa. Agora digam que no Conservatório — não há «cunhas»!

## CHAPÉU DE PALHA

ENCONTRAMOS, uma tarde destas, no «Martinho» o illustre actor Carlos Santos — de fresco chapéu de palha. Se é certo que chapéus há muitos, chapéus como os de Carlos Santos, há só os dele!

## ROMANCISTAS

O dr. Evaristo Franco, autor do romance... *E o outro perdeu o brilho*, vai publicar um novo livro intitulado... *E o homem perdeu o carro*. É a história dum sujeito que, entretendo-se num «rendez-vous» nocturno, perdeu o último carro para casa.

## A PORTA DA CLÁSSICA

A porta da *Livraria Clássica*, nos Restauradores, está todos os dias, pela tarde, o nosso amigo Eduardo Dias, escritor e «touriste», bem conhecido. A sua assiduidade na livreria é tal que os proprietários — os nossos bons amigos Teixeira — já dizem que a firma vai passar a ser:  
— Eduardo Dias e Dias!

## A MORGADINHA DE VAL-FLOR

O sr. Luiz Pastor de Macedo, commissário do Governo no *Teatro Nacional*, proibiu a representação da *Morgadinha de Val-Flor*.

— Por quê? — preguntámos-lhe ontem.

Logo éle, num sorriso:  
— Porque está cheia de chagas...

## AFONSO LOPES VIEIRA

SURPRENDEMOS, há dias, Afonso Lopes Vieira tornando uma laranjada, na esplanada da «Abadia». Não há dúvida: estamos no verão...

## PROVERBIO TURCO

SÓ o cão consegue, ao mesmo tempo, comer — e dar ao rabo...

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



# A VEIA HUMORISTICA DO PRESIDENTE Lincoln

POR AUGUSTO FRAGA

**F**OI aquele filme de Frank Capra, «Peço a palavra» que mais funda impressão me deixou sobre Washington. Desde então que fiquei convencido de que Washington era uma cidade única. Todas as cidades do mundo nascem ao acaso das exigências do comércio, sem que nunca a menor previsão sobre o seu futuro desenvolvimento haja ocorrido por um instante ao espírito dos ocasionais fundadores. Washington, porém, escapa a essa formação clássica. Foi primeiro planejada e depois erigida. Por isso, é um símbolo de pedra.

A história americana está ali toda como se Washington fosse o cadinho místico que sublima essa fé cega e que se traduz nesta legenda:

«From Washington we go home better americanes (Salmos de Washington melhor americanos). Basta uma visita à cidade para que os factos capitais da formação política dos Estados Unidos se desenhem para sempre no nosso espírito. E não me envergonho da emoção sentida, naquela cena do mesmo filme, quando na penumbra do Lincoln Memorial um preto olha enternecido para o «honest Abe» e soeitra, monocórdicamente, as palavras da inscrição. Lembra-se, decerto, da visita que James Stewart faz ao «stupendous monument», verdadeiro templo grego a reflectir nas águas do Potomac as suas trinta e seis colunas jónicas, representando todos os estados da União que havia no Tempo da morte do sublimemente felo Abe. E devem ter notado, como eu, uma sensação indefinível diante da estátua de Lincoln que, sentado, parece esperar alguém. Compreende-se, então, o motivo das suas palavras em Gettysburg terem ficado como nova espécie de Tábuas de Moisés aos hebreus. Ao ver aquêle monumento, sentes-te Lincoln, compreende-se melhor o velho Abe. A majestade das linhas da estátua parecem afinar com a majestade das linhas morais do famoso politico. Sentado, em altitude de quem medita, a figura de Lincoln deixa uma impressão que jámais se apaga. Há nela majestade, sem ser a de reis — majestade da razão, da bondade, da humanidade, da rectidão, da simplicidade da alma...

E, todavia, o grande presidente que os Estados Unidos tiveram durante a guerra da sucessão, nascido há cento e trinta e quatro anos, foi um humorista.

Apesar das duras vicissitudes do conflito e dos múltiplos problemas que teve de resolver, Lincoln teve sempre tempo para alegrar a vida dos que o rodeavam com as suas anedotas e os seus comentários. A sua veia humorística manifestou-se nos começos de 1862 quando era

diariamente importunado por habitantes do Norte da União que, em plena guerra, pediam passagem através das linhas de fogo, afim de tratarem de negócios em território dominado pelas forças da Confederação do Sul. Um comerciante necessitava de um passaporte para chegar a Richemond, localidade do Estado de Virgínia, e conseguiu introduzir-se nos aposentos presidenciais.

— Um passaporte para Richemond! — exclamou Lincoln. De nada lhe serviria, meu caro senhor, o que lhe desse. Talvez lhe pareça extraordinário mas entre esta cidade e Richemond há muita gente que não sabe ler ou que, pelo menos, tem em pouco boa conta todos quantos levam passaportes assinados por mim.

Calcule que já dei passaportes para Richemond a mais de duzentas mil pessoas — e nem uma só conseguiu lá chegar!

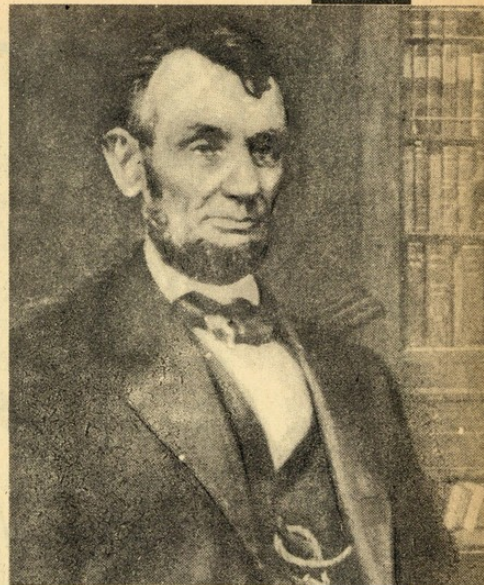
Não fugiram os membros do Congresso à aguda ironia de Lincoln. Um dia, estava êle sentado nos degraus da Câmara dos Representantes, com certo amigo, ao terminar a sessão, quando os membros daquêle corpo legislativo começaram a sair em conjunto.

O presidente seguiu-os com o olhar e, sorrindo sarcásticamente, disse:

— Isto faz-me lembrar um pequeno incidente. Quando eu era rapaz, fiz uma viagem pelo Mississippi e o barco parou um dia no pórtico de Alton. Desembarquei para dar uma volta à povoação e vi um grande edificio de pedra, com altas paredes, não tão bonito como êste, é certo. Preguntei a outro curioso que edificio era aquêle e que coisa se estava ali a passar naquela ocasião. O outro respondeu que era a prisão do Estado e que os homens eram ladrões que regressavam a casa, depois de acabarem as penas...

Lincoln, como é natural, era assediado com pedidos de empregos. E isso de tal maneira se accentuou que êle, a propósito, chegou a ter êste comentário: «Pareço um homem tão occupado em alugar quartos dum lado da sua casa que não pode apagar o fogo que se declarou no outro». Certa vez, quando o seu gabinete estava atafalhado de aspirantes a empregos com tôda a espécie de cartas de recomendação, aproveitou a oportunidade para contar o seguinte:

— Quando tratava de um lanchão no rio Yazoo, li um conto ácerca de certo rei que chamou o seu primeiro ministro. Como desejava ir à caça, perguntou-lhe se choveria. Aquêle respondeu que o tempo estava óptimo e que poderia sair. Enquanto se encaminhava para a caçada, a comitiva encontrou um camponês montado num burro. O camponês disse ao rei que voltasse para o palácio,



pois não tardaria a chuva, mas o monarca riu-se e continuou o seu caminho. Ainda mal tinha começado a caçada, caiu uma bêtega violenta que o encharcou até aos ossos.

O rei regressou ao palácio, expulso o ministro e, chamando o camponês, disse-lhe: —dize cá, como sabias tu que estava para chover?

— Não fui eu, majestade, foi o burro. Quando está para chover põe as orelhas para diante e quando vem bom tempo põe-nas para trás. O soberano despediu o camponês e ordenou que lhe trouxessem o burro e colocou-o no lugar do primeiro ministro. Foi aqui — concluiu Lincoln — que o rei cometeu um êrro grave. Porque, a partir de então, todos os burros querem ter um emprego público!

Abraão Lincoln era mestre nas respostas prontas e desconcertantes. Um diplomata estrangeiro magou-se ao ouvir o estadista condenar certa história grega, chamando-lhe aborrecida.

O autor desta história, senhor presidente — exclamou o diplomata — é um dos mais profundos estudiosos da época. Na verdade, duvido que algum homem da nossa geração tenha mergulhado mais profundamente na sagrada fonte do estudo.

Lincoln accentuou prontamente:

— Talvez, ou que tenha saído mais sêco!

Outro episódio é recordado por um dos seus officiais, o capitão John H. Cummings, que narrou a seguinte anedota depois da guerra civil:

— Eu estava a dar instrução a uma companhia do Exército do Potomac, durante o conflito com a Confederação do Sul. O presidente e o secretário do departamento da guerra, Cameron, visitaram Cummings para efeitos de inspecção. Lincoln inquiriu, voltando-se para o secretário:

— A quem favorece a comparação entre êste regimento e os nossos soldados da guerra contra os indios?

A resposta não tardou:

— A êste regimento, sr. presidente.

O primeiro magistrado, então, acrescentou:

— Espero sinceramente que não perderá mais sangue que as tropas daquella campanha.

Cameron perguntou quanto sangue tinham perdido os soldados da guerra contra os indios. E Lincoln, piscando o olho, voltou logo:

— Só o que os mosquitos sugaram.



**A** NDAVA pelos 50 anos. Baixo, largo, verme-lho, a cabeça escurria-lhe por baixo do pescoco. Governava a paróquia com firmeza. A sua cara de lua cheia inspirava confiança. Atendia todos com a mesma cortesia. Tinha o povo a respeito. Era bondoso. Pobre que se acercava dele, já se sabia, levava sempre a luzir na mão calosa o brilho frio duma moeda. Insinuava-se. Palavra a um, gesto a outro.

Em vinte anos de pastor, nem um só desgosto.

Bom estômago e belo cãpo. Alegre nas conversas. Mulheres não se lhe conchiavam. A aldeia estimava-o. Quando gargantava o latim num salivar saibroso, o povinho olhava-o com respeito.

Uma única ovelha enrugava a calma da sua vida.

Era o Zé da Ana. Rapaz de truz. Alto como uma torre e forte que nem um toiro do Ribatejo. Tinha um génio levado dos diabos. E era ganhão o raio do rapaz.

Como éle mirava a Celeste. Espelava-lhe o coração com o doutor dos seus olhos negros, de carvão. E a pobre babadinha de todo. A melhor coisinha da aldeia, para aquêlde valdevinos. Até o céu se revoltava.

Bem lhe dizia o velhote da venda da Azemba. Que largasse a cachopa. Que é que éle queria dali? Eie não era de raça de se casar! Que visse se desgraçava a pequena.

Chegaram êstes rumores ao bom do abade.

Ensbombrou-se-lhe a alma. Conhecia de há muito a fama do rapaz. Sabia-lhe a líbia com que se questrava as raparigas. Era um tratante. Bem se lembrava do que éle fizera à Rosa Pataca.

Que ela era uma doida da cabeça. Mas ainda assim...

E toca de chamar a rapariga e de lhe pregar um sermão:

Que se acutelasse! Que olhasse o que andava a arranjar. Quem boa eama fizesse...

Depois não se queixasse. Que tivesse juízo. Que éle era má rez.

A noite, já a Celeste contava no Zé os seus rechos. Que até o abade lhe falara. Já andava nas bôças do Mundo. O melhor era acabar.

O rapaz prometeu-lhe cortar o falatório.

Ruminava em silêncio a raiva de lhe furtarem a rapariga. Que ela era uma posta! E aquêlde solos de focinho no ar, que lhe punham o sangue a arder? Ratos partissem a vizinhança com a mania de dar ao badalo. Estragavam-lhe o arranjinho.

Jurou-as ao padre, centro de toda a raiva que lhe fervilhava no peito.

Havia de lhe partir a cara! Pois então! Que se metesse na sacristia e resmungasse o latim para as beatas. O papa hótiat! Onde lhe vinha o interesse pela cachopa?

Uma suspeita ralou-lhe no cérebro o bôso. Dem no vinte.

Era isso mesmo. E éle tão parvo que não vira logo. Por isso a parrelha dele. Dola-lhe, hein? Estupor! Havia de o rachar.

Foi-se dali a congeminar a vingança. Entrou a taberna.

A luz morticua dum candeieiro sórdido, de petróleo, furava a escuridão. A chama druxuleava inconstante. Na parede, as sombras agigantavam-se. O dono da tasca, debruçado no balcão, face de cera, olhos sem vida, cabelos crespos.

Mais dois a seu lado. Tipos de lavrador das Beiras. Mãos gretadas pela faina violenta do campo.

O Zé entrou com ela ferrada. Rosnou as boas noites. Falou. Rodeou assuntos e, quando a ocaílho chegou, contou à boca pequena, aguçando a curiosidade, com o pedido de segredo:

Se já sabiam! O padre Joaquim gostava de pequenas! O maganão! Com aquela cara e aquilo. A éle não o enganava que tinha pinta. Pois não viam o descarar com que éle se atirava à Celeste? Até lhe proibia que falasse com éle.

O taberneiro, quebrando a mudez habitual, ainda aventurou:

Que éle tinha mas era crúmes. Pôsse intrujar outros.

Que não! Era verdade. Tinha provas. E, baixando a voz, segredava queixas, testemunhos, num rigir de raiva que todo o agitava e lhe punha uma espuma amarelada nos lábios.

Ao outro dia, a aldeia zig-zagueava de grupo para grupo em sobressalto ante o escândalo e arregalava os olhos num passo tólo.

Ora o abade! E todos a julgá-lo um santo... Fôsses lá acreditar nas aparências. Nem tudo o que luzia era ouro.

E o pobre do padre notava, com o coração apertado, o retratamento dos seus paroquianos.

O que seria? Já não o sañdavam com a sollietude costumada. Quando passava,

# O PADRE

NOVELA DE MANUEL D'ALBUQUERQUE FERREIRA

DESENHO DE RUDY

sentia um sussuro que lhe roçava a alma e o enchia de tristeza.

Até que um dia, um lavrador, o Manel da Leira, mais da sua intimidade, com dó dele, contara-lhe tudo.

O Manel da Leira era pão-pão queijo-queijo. Disse-lhe:

Fulminado pelo horror da calúnia, o pobre abade abateu-se na cadeira.

Vinte anos de sacrificio e de candeiras pelas suas ovelhas. Calculando vales e montes a dar consolação a miseros de corpo e de alma e no fim esta paga. O mundo sempre era um atoleiro de injustiça!

Amarfanhava-o a enormidade da dor. Levantou um olhar ás alturas. Proseguiria sem desfalecimentos na tarefa que o destino lhe impusera. Esforçar-se-lhe por se assentar do cadeado frio da calúnia que lhe asfixiava a vida na garganta.

Quebrara-se, com a fragilidade do vidro, a sua reputação, ganha em anos e anos de fadiga a fazer bem?

Lutaria com um vigor desconhecido. Apegou-se à sua fé. Olhos postos no madeiro sagrado e para a frente.

O bem continuou a jorrar-lhe das mãos e do coração. As suas palavras não deixaram de confortar as almas estriadas pela desgraça. Nunca se cansava de apregoar a virtude.

O meio hósti que o apertava na tenaz em brasa da calúnia fervida e refrivida a cada esquina não estamou a bondade que lhe brotava do peito.

O padre Joaquim sabia que o olhavam com desconfiança: a igreja vasta gritava-lhe a cruel realidade.

Quando entrava numa casa, mesmo a levar o beneficio, logo sentia a repulsa nos olhos que o trespassavam como punhal.

Soubera que o Zé da Ana lhe prometera.

Procurou-o um dia ao entardecer. Era um destes dias pardos em que a Natureza parece morta. Houvera feira. Na espelunca da aldeia não se parava com gente. Copos sobre copos, a firmar negóchos chorudos. Vinho à fartura!

O abade entrou. Um caiafrio estranho percorreu-lhe a espinha. O silêncio repentino bateu-lhe na

ara como uma hofetada. Percorreu com um olhar trémulo aquela estampa assombrada.

Vinte ou trinta semblantes perturbados pelo álcool. Chapéus derrubados sobre a testa. Cigarro apago ao canto da boca ou na orelha. Um suspihar constante que enovava. Um cheiro a suor vinha de todos os lados. Atmosfera de vicio.

Romperam o silêncio. O Zé da Ana à frente, direito ap abade, aos balaios.

Al, queria brincar? Vierá até êles? Que o estoiravam.

E o Zé da Ana postado ante éle, os olhos vidrados, jogou-lhe um olhar que o estirou de escantilho de encontro à parede.

O abade ficara-se, derreado. Pálido de escantilho. Lançou-lhe um olhar de misericórdia.

Irritada ainda mais a turba avançou e quando o Zé brandiu com ambas as mãos o varapau e lho assentou, com tóda a força dos seus músculos tenos, mesmo ao meio do crãneo rapado, ouviu-se uma gargalhada colectiva de aplauso.

O padre caíra de bôco. Um espicólo de sangue zezbrava a parede.

Ao outro dia, vieram ás autoridades. Mas o padre Joaquim jurava que não conhecia qualquer dos agressores. Esta attitude abalou o furor do povo. E apontado o nome do Zé da Ana, o abade salvou-o afirmando que éle de certeza não fóra. Se tinha estado com éle no adro, minutos antes, a conversar!

A dúvida rasgou a hostilidade do povo. Um homem daqueles não podia ser criminoso. Ali havia marosca. As desconfinanças voltaram-se para o Zé da Ana. Era maroco. Tempz de tudo.

E quando, passado o capz, o Zé fez olhinhos dôces à Maria do Palhal, a aldeia não gostou. Avisaram os irmãos da rapariga.

De novo a feira.

O Sol debruava de oiro o largo da aldeia. As tendas polícrimas regorgitavam de gente.

Aqui ajustava-se. Um apêto de mão selava o contrato. Ali regateava-se. Além o rumor revelava a importância do negócio. Calor. Poeria. Ruído.

De repente, por sobre aquela azafama e barulheira, ouviu-se um silcio de silêncio, logo quebrado pelo redemoinhar duma novidade.

O padre Joaquim abria caminho, levando nos braços um fardo sangrento. Era o Zé da Ana. Meteara-se com a Maria do Palhal e logo os irmãos lhe saltaram no lombo. Bem o tinham avisado. Que largasse a rapariga. Que o moliam com pancada. Não quisera saber, al tinha.

O abade levou-o para casa. Tratou-o. Mandou chamar o médico. Durante dias e dias, tivera-o ali entre a vida e a morte.

Noites inteiras sem pregar ôho. Quando melhorou, levou-o a casa.

O Zé, de boa cãpa, em breve arribou.

Ao saber que fóra o Padre que lo salvara, sentiu um mal-estar indefinível. O remorso entrou de roê-lo. Um dia, mudo da maior dose de coragem que pôde arranjar, encaminhou-se para a vivenda do abade. A timidez invadiu-o. Apertava-lhe os músculos. Bateu as palmas. Veio a crivada. Que queria falar ao Sr. Prior.

Subiu. O Padre encarou-o, bondoso. O Zé brincava com o chapéu, irresoluto.

Vinha agradecer-lhe. O padre teve piedade daquela atrapalhada. Acudiu-lhe:

Que não fósse tólo. Agradecer de quê? Fizera só o seu dever.

O Zé arregalou os olhos. Espetou-os no padre com assombro e, um minuto calado, caiu de joelhos a pedir perdão.

A ovelha voltava ao redil!

Uma lágrima borbulhou nos olhos do abade. Rolou pela face e caiu sobre a cabeça do Zé.

Estava perdoado...

(Do livro em preparação, «RUMOS»)

DE CASA AO COMBÓIO  
ou do COMBÓIO A CASA

a camionagem ligada à

C. P.

encarrega-se do transporte  
das bagagens

EM LISBOA OU NO PORTO

Peça informações pelos telefones:

Em Lisboa ..... 26391

No Porto ..... 4776






# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Terrão \*

## Capítulo XIX - a França depois da derrota

### 5 AS RELAÇÕES FRANCO-ALEMÃS



S relações franco-alemãs depois do armistício constituíram, naturalmente, a principal preocupação dos dirigentes franceses instalados em Vichy. Qual foi a natureza e a evolução dessas relações no período de que nos estamos ocupando, quer dizer entre 22 de Junho de 1940 e o fim de 1941, quando a guerra continental desencadeada na Europa se transformou em conflagração mundial? O escritor francês Jean Thouvenin, que acompanhou de perto essa evolução, considera nela quatro fases princi-



palis. A primeira vai da assinatura do armistício, em Junho de 1940, até o encontro de Montoire, em Outubro do mesmo ano. Essa fase é dominada pela necessidade de cumprir as cláusulas militares da convenção de armistício, o que não podia deixar de se fazer no meio de dificuldades e de schussallos compreensíveis.

A segunda fase, ainda incluída no decurso do ano de 1940, estende-se desde Outubro, data em que se realizou o encontro de Montoire, até Dezembro pois foi no dia 13 deste mês que o vice-presidente do conselho, Pierre Laval, partidário decidido e executor convicto da política de colaboração, abandonou o poder depois de ter dirigido, praticamente, durante seis meses, os negócios da França.

A terceira fase é abrangida por aquilo que Jean Thouvenin chama a crise da colaboração e vai de Dezembro de 1940 a Março de 1941, quer dizer desde a demissão de Pierre Laval até à constituição do gabinete presidido pelo almirante Darlan e a inauguração do chamado satenismo.

Finalmente a quarta fase, que é inteiramente ocupada pela acção do almirante Darlan e dos seus colaboradores, estende-se até o regresso de Pierre Laval ao poder e marca o apo-

gué e o declínio do satenismo. Esta orientação política exerceu-se, com alternativas diversas e no meio de várias vicissitudes, com uma intensidade maior ou menor na metrópole francesa e no Império colonial francês e caracterizou-se pela vontade de conservar a França fora da guerra procurando nas próprias condições da guerra e nas rivalidades entre as grandes potências salvar aquilo que se havia perdido com a derrota militar ou, pelo menos, uma parte do que se havia perdido.

#### A PRIMEIRA FASE

Para dar execução às cláusulas do armistício foi nomeada uma comissão que junto das autoridades alemãs em Wiesbaden tinha por missão estudar as condições práticas a estabelecer, em relação a cada caso particular que se apresentasse, para os princípios de ordem geral inscritos na respectiva convenção. Com essa comissão foi nomeada uma delegação especial que, sob a presidência do embaixador Léon Noel, devia trabalhar junto das autoridades de ocupação instaladas em Paris. O embaixador Léon Noel ocupou as funções para que fora nomeado durante pouco tempo e foi substituído, primeiro pelo general de La Laurencie e depois pelo sr. Fernand de Brion. O sr. de Brion advogara incansavelmente em tempo de paz a necessidade de um estreito entendimento franco-alemão sobre a base de uma política de tipo continental a realizar pelos dois povos e era, por isso mesmo, a personalidade mais indicada para tratar em nome da França com o vencedor cuja vitória parecia incontestável nesse momento, não apenas em relação à França mas, num futuro próximo, em relação aos aliados deste país.

Para levar a bom termo a sua tarefa, o sr. De Brion recebeu a categoria de embaixador.

Durante esta fase das relações franco-alemãs estabeleceu-se, parte em documentos escritos, parte pelo uso, uma espécie de estatuto de ocupação. Não apenas entre os homens encarregados de executar as cláusulas do ar-



mistício, mas entre os dois países, estabeleceu-se uma espécie de colaboração tácita que se intensificou sobretudo no domínio das relações econô-

micas. No plano político mantinha-se uma desconfiança compreensível a qual só poderia desaparecer inteiramente pela realização de um trabalho demorado de mútua compreensão que eliminasse muitas razões do passado e criasse, no futuro, algumas razões e alguns interesses comuns. Era esse, de resto, o pensamento profundo dos partidários da colaboração que eles procuravam traduzir no domínio das realizações práticas.

Facilitando, durante essa fase, o regresso de alguns refugiados e o reabastecimento, as autoridades de ocupação procuravam contribuir para criar o clima indispensável à realização desse objectivo.

#### A PREPARAÇÃO DE MONTOIRE

Durante essa primeira fase a que nos referimos, o vice-presidente do Conselho Pierre Laval deslocou-se várias vezes a Paris onde procurou estabelecer um contacto estreito com as autoridades de ocupação, primeiro passo indispensável para realizar uma aproximação eficaz com o go-



vérno do Reich e com as personalidades políticas e militares predominantes neste país. O sr. Pierre Laval agiu em nome e com representação do chefe do Estado francês, marechal Pétain cujos sentimentos e orientação interpretava.

Em 12 de Outubro as relações franco-alemãs entraram numa nova fase. Foi precisamente nessa data que o marechal dirigiu à nação uma mensagem rádio-difundida que constituiu o ponto de partida para as negociações importantes que se realizaram em seguida. A mensagem do marechal constituiu um documento revelador sobre os verdadeiros propósitos dos dirigentes franceses dessa época e especialmente do marechal. A fase essencial inscrita no documento que o marechal Pétain leu aos seus compatriotas era a seguinte: «Em presença dum vencedor que soube dominar a sua vitória, nós sabemos dominar a nossa derrota». Incontestavelmente tratava-se de uma afirmação clara do propósito de colaborar sobre a base do respeito mútuo pelas tradições e pelos interesses dos dois países. Consequência do Reich dominar os sentimentos compreensíveis de orgulho na-

cional que a sua vitória podia suscitar? Conseguiria o povo francês, sob a impressão da maior derrota da sua história, dominar o complexo de sentimentos e de suspeições que con-



titua a sua herança tradicional e em algumas fases da sua existência a própria razão de vida nacional? Para um como para outro dos dois povos, o caminho a seguir não se encontrava isento de dificuldades nem de precipícios. Se era difícil remover as primeiras, parecia uma tarefa quase impossível evitar os segundos quando por toda a parte era o ambiente de guerra, com as suas sugestões, que imperava. Isso não impediu que dum e doutro lado a colaboração procurasse ser praticada.

#### O ENCONTRO

A repercussão que as declarações do marechal tiveram por toda a parte e especialmente nos países interessados foi enorme. Em Berlim consideraram oportuna a realização de um encontro entre o Führer e o chefe do Estado francês dentro do conceito de que os encontros pessoais entre homens de Estado responsáveis constituíam a fórmula mais prática de evitar mal-entendidos e remediar os inconvenientes que representava, geralmente, a acção diplomática oficial ou dos emissários oficiais geralmente irresponsáveis. Regressava-se, assim, numa Europa em fogo à concepção que conduziu à celebração do pacto de Munich que tão importantes consequências devia ter para os destinos do nosso continente.

Em 21 de Outubro o sr. Pierre Laval via Vichy. O segredo desta deslocação foi exemplarmente guardado. Ninguém, e não ser o marechal, desconfiava e talvez que se preparasse um acto de transcendente significação política. O vice-presidente do Conselho francês ia avistar-se com o Führer e com o ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, Ribbentrop. Depois desse encontro, o chanceler do Reich fez-se saber que estavam realizadas as condições necessárias para justificar um encontro entre ele e o marechal Pétain. O chanceler do Reich dirigiu-se depois à fronteira franco-espanhola onde devia encontrar-se com o general Franco. No regresso avistara-se com o marechal e esse encontro selaria o





Pierre Laval no seu gabinete de trabalho

proposito comum de colaborar para a realizacão duma tarefa comum dentro do quadro da nova Ordem estabelecida em principio pelas potências do Eixo mas ainda não definida nas suas linhas principais.

O local do encontro foi previamente designado. Era a pequena estacão ferroviária de Montoire, no Loire et Cher cujo nome ficaria assim indissolvemente ligada a um dos actos mais importantes da politica francesa depois da derrota. O encontro de Montoire ficaria como uma tentativa a que nem os homens nem os acontecimentos puderam emprestar seguimento mas que nem por isso deixa de ocupar um lugar importante na historia desta guerra.

## O DIÁLOGO HITLER - PETAIN

Na manhã de 25 de Outubro os jornalistas que faziam serviço em Vichy viram sair três automóveis do Hotel do Parque. No primeiro carro seguia o marechal Pétain, com uniforme de campanha, ostentando a medalha militar. Em sua companhia seguiam alguns dos seus colaboradores. No segundo carro seguia o vice-presidente do Conselho, Pierre Laval, com os membros do seu gabinete. Na linha de demarcação entre a zona ocupada e a zona não ocupada o marechal foi saudado pelo embaixador do Reich, Otto Abetz, que chegara para assistir à entrevista. Um batalhão de soldados alemães prestava ao marechal as honras militares. Na gestação de Montoire encontravam-se para rece-

ber o chefe do Estado francês, o ministro dos estrangeiros, Ribbentrop, o marechal Keitel, chefe das forças armadas alemãs e o chefe do protocolo von Doernberg. Estas personalidades acompanharam o marechal até junto do vagon onde se encontrava o Chanceler do Reich. Foi nesse vagon que se realizou a entrevista e se elaborara as bases da futura colaboração franco-alemã, no quadro da reconstrução europea. Depois das conversações que tiveram, o Führer acompanhou o marechal até ao seu automóvel. A partida deste foram-lhe novamente prestadas honras militares. Durante o tempo em que esteve na zona não ocupada, o marechal foi objecto de várias manifestações de deferencia por parte das autoridades da occupação. Ao despedir-se do marechal, o Führer disse-lhe: «Sei que não quis a guerra e lamento só ter tido a oportunidade de o conhecer em condições tão dolorosas».

No comentário com que a «Frankfurter Zeitung» accentua a importância do encontro podiam ler-se as seguintes palavras: «De todos os países derrotados pela Alemanha, a França é o único que conseguiu um governo com o qual podemos tratar de accordo com os principios do direito internacionais».

Um comunicado official, publicado em Vichy no dia 25 de Outubro, sublinhava a importância do encontro e afirmava que os dois chefes do Estado tinham chegado a accordo sobre os principios gerais da colaboração devendo os pormenores dessa colaboração ser resolvidos ulteriormente.

## O RELATO OFFICIAL

No dia 27 de Outubro, as estacões de radiodifusão da França comunicavam o comentário official que do lado da França foi julgado conveniente acrescentar ao encontro:

«Não é apenas hoje — dizia esse comentário — que os homens clarividentes pensam que se tornou necessário refazer a Europa. Durante muitos anos tivemos uma verdadeira poeira de Estados abrigados por detrás de barreiras atfandegárias intransponíveis, desdenhosas das dificuldades que os seus vizinhos suportavam e decididos a ignorar o que se passava para além da muralha da China dos seus interesses. Este promontório avançado que se chama a Europa forma um continente cujas partes são solidárias. Uma possui o trigo, outra o carvão; uma faz o aço, outra os objectos preciosos de luxo. A cada uma delas falta, uma proporção maior ou menor, aquilo que o vizinho tem. É por isso que a reconstrução da Europa não pode ser levada a cabo sem a colaboração de todos».

Esta colaboração que os nossos maus dirigentes de antes da guerra não quiseram, parecidos-nos ainda, no decurso dos últimos meses, difficil senão impossível. Tinhamos sido suscitados. O rancor que a derrota suscitara o estado de desorganização em que o nosso país ficara, as difficuldades imensas que por toda a parte vão de fazer doblinar os nossos espiritos por um sentimento de impotên-

cia e de desespero. O governo do marechal Pétain, pela sua acção salutar, fez, antes de mais nada, com que a França reacquirisse em si própria a necessária confiança.

«Eis que se iniciam novos tempos. Eis que o vencedor dominando a sua victoria, conversa com o homem que encarna a França naquilo que ela tem de mais alto e de mais nobre. E declara-lhe que o não anima nenhum baixo espirito de vingança, e diz-lhe o seu proposito de que a França volte a ocupar na Europa o lugar que lhe pertence».

## A JUSTIFICACÃO DA COLABORACÃO

O comentário official do encontro prosseguia nestes termos:

«Tal acontecimento nos nossos corações? Quem não leu, há quinze dias, o apêlo dirigido à Alemanha pelo marechal Pétain na sua mensagem, em que elle encerrava a necessidade de dominarmos a nossa derrota? Pensamos desde logo que essas palavras tão comoventes não ficariam sem resposta, e preparamo-nos para obedecer ás suas indicações se chegasse a hora de as aplicar. Essa hora souo agora. Não ouvimos apenas pronunciar de novo a palavra paz. Essa palavra tem para nós um acerto que nos reconforta. Associa-se à palavra colaboração. Aparece rica de promessas porque a França é chamada a colaborar na reconstrução dessa paz. A França deixa, assim, de desempenhar um papel passivo no concerto internacional, torna-se uma nação viva entre as outras nações».

Saibamos calar os nossos ressentimentos como nos pediu o marechal. Afastemos dos nossos espiritos as ilusões perigosas. Essas ilusões continuam a ser mantidas por uma propaganda mentirosa. Saibamos criar uma alma nova, e rilhamo-nos em volta dela. O caminho escolhido pelos novos dirigentes da França não é apenas o melhor, é também o único que nos pode trazer com uma paz honrosa a salvaguarda do nosso país».

Os membros do governo aprovaram unanimemente a decisão do marechal e as declarações do chefe do Estado e do vice-presidente do Conselho. Essa mesma unanimidade deve verificar-se no país onde não prevaleceria nem as mentiras vindas de fora nem os esforços daqueles que entre nós defendem os seus odiosos privilégios ou tentam, em vão, reanimar ideologias que se revelaram tão fustestas».

O comentário official do encontro de Montoire terminava por um apelo aos franceses para que se redimissem em volta do marechal na realização efectiva de uma politica de colaboração com o vencedor».

«Em depressa terminava o comentário francês do encontro, os francezes avalliarão de maneira tangível os resultados felizes desta orientação. Ela representa um acontecimento de que a História se ocupará dizendo que elle foi o produto do instinto de conservação do nosso povo e da sua vontade de viver. A França viverá. A França eterna resurgirá da infelicidade actual fiel ás suas tradições numa Europa melhor».

Franceses, deveis escutar apenas a voz da França e não os conselhos daqueles que abandonaram o nosso país no momento do desastre. Trabalhando contra a França eles procuram lançar a perturbação nos vossos espiritos. Depois de vos terem precipitado na guerra tentam agora fazer-vos perder a paz».

Para dar seguimento aos principios de ordem geral assentes no decurso do encontro de Montoire, o vice-presidente do Conselho, sr. Pierre Laval,

## NOVOS TONS de pó de arroz que são a admiração DAS SENHORAS



PREPARADOS EM  
PARIS COM UMA  
MÁQUINA COLO-  
RIMÉTRICA MÁGICA

★  
DUPLICA  
A BELEZA  
DA PELE

Inventou-se uma nova máquina colorimétrica, que revela a cor exacta do pó de arroz que melhor se adapta à sua pele.

Esta invenção levou à criação de tons novos de que a originalidade e a beleza são inigualáveis. O Pó de Arroz Tokalon não tem rival. Adere à pele um dia inteiro, mesmo andando ao vento e à chuva. Evita o brilho no nariz. É preparado por um processo devidamente registado. Experimente hoje mesmo o Pó de Arroz Tokalon — os novos tons que favorecem e embelezam — e pareça mais nova e mais linda.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva à Agência Tokalon de Lisboa, nº 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

foi nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros em substituição do sr. Baudouin. Este passava a exercer as funções de Secretário de Estado junto da presidência do Conselho, e essa circunstância não deixou de exercer uma influencia apreciável na marcha dos acontecimentos. A politica do sr. Baudouin era fundamentalmente a da aproximação com a Itália; a politica do sr. Laval era a da aproximação com a Alemanha. O primeiro pensava na possibilidade de organizar um bloco de potências latinas capaz de influenciar decididamente o conjunto internacional. O segundo mostrava-se disposto a realizar francamente uma politica de colaboração franco-alemã sobre a base de uma reconciliação continental em que a França voltasse a ocupar o papel de uma grande potência que parecia ofuscado pelas circunstancias inevitáveis da sua derrota militar.

Depois da sua nomeação para dirigir a pasta dos Negócios Estrangeiros, o sr. Laval dirigiu-se novamente a Paris onde renovou as negociações para dar forma prática à politica de colaboração esboçada em Montoire.

(Continua)

**Toque leve  
«HALDA»**

Experimente como o toque é suave e repare na pronuncia da accleracão das barras-tipos.

**SOCIEDADE COMMERCIAL LUSO AMERICANA, L<sup>da</sup>**  
Rua da Prata, 145 | R. 56 da Bandeira, 33B  
LISBOA | PORTO

**PARA MEDICINAL**

**Auto**

**CRAMA** estomatites

**TRATA** as doenças da boca



...aqui

# AMERICA

★★★★★★★★★★

## EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
7.15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
9.45	WRUW	48.6 m.	6.040 kc/s.
11.45	WBOS	48.6 m.	6.140 kc/s.
13.45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
17.45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
17.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
19.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
21.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
22.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
1.15	WDJ	39.7 m.	7.585 kc/s.

EMISSÕES DIÁRIAS

## OÍÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

# DISCOFONES

= COM MUDANÇA AUTOMÁTICA DE DISCOS =

em caixas de madeira de belo acabamento,  
permitindo a audição de 8 discos grandes e  
pequenos sem qualquer interrupção



**O aparelho ideal para os  
amadores de boa música**

EST. **Valentim de Carvalho**  
Rua Nova do Almada, 97

**APRENDA RADIO**

Encontrará nos nossos cursos um  
ensino atraente, completo e fácil  
Peça folhetos grátis á  
**ACADEMIA NACIONAL DE RADIO**  
AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO

## ESCUTAI ROMA

NOVO HORÁRIO  
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA  
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.40	Noticiário	2 RO 24	19,92	15060
		2 RO 4	25,40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15,31	19590
		2 RO 8	16,84	17820
13.30	Noticiário	2 RO 8	16,84	17820
		2 RO 21	19,92	15060
17.00	Noticiário	2 RO 17	15,31	19590
21.00	Noticiário	2 RO 4	25,40	11810
		2 RO 3	31,15	9030
21.40	Noticiário	2 RO 6	19,61	15300
		2 RO 4	25,40	11810
		2 RO 18	30,74	9760
		2 RO 11	41,55	7220
		2 RO 26	48,23	6220
		221.10 ondas médias	263.20	15300
23.30	Noticiário	2 RO 6	19,61	15300
		2 RO 19	29,04	10330
		2 RO 19	30,74	9760

CONVERSACÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.10	Aos domingos	39,80
21.20	As quartas-feiras	31,41

**E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE**

## UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

### «HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardores na pele, etc. **ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR**

À venda em todas as farmácias e drogas  
Preço avulso: 11\$00



**Vida MUNDIAL**  
*ilustrada*

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJ.	ADJA.	ESTRANGEIRO (com convenção)
CENTES		
3 meses (13 números)	13\$00	6 meses (26 números)..... 40\$00
6 " (26 " )	26\$00	12 " (52 " ) ..... 80\$00
12 " (52 " )	52\$00	ESTRANGEIRO (sem convenção)
ÁFRICA PORTUGUESA		
6 meses (26 números)	47\$00	
12 meses (52 números)	68\$00	12 " (52 " ) ..... 94\$00

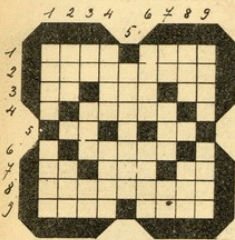
«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup> — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.<sup>a</sup> — Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



# PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 67



HORIZONTAIS: 1 — Agrupa; Teúdo de linho forte. 2 — Nome de mulher.

3 — Clima; Qualquer; Nota musical (inv.). 4 — Vagar. 5 — Despido; Ande. 6 — Nome de homem. 7 — Entrega (inv.); Estava; Nesse lugar. 8 — Nome de mulher. 9 — Superfície; Guiador. VERTICAIS: 1 — Está; numerado; Letto. 2 — Família; Fazer escola. 3 — Correr; Bico; Nome de consonante. 4 — Líquido; Montão. 5 — Amarrado; Ithara. 6 — Nome de homem; Poço espessa. 7 — Escarnece; Parente; Estuda (inv.). 8 — Partida; Nome de mulher. 9 — Saco de couro; Vender a crédito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 66

HORIZONTAIS: 1 — Rei; Mel. 2 — Contemporâneo. 3 — Aer. 4 — Avo. 5 — Pro-Iomiancia. 6 — Rio; Som. VERTICAIS: 1 — Está; Opa. 2 — Ana; Bem. 3 — Mente; Ouvir. 4 — Matam. 5 — Pé; Vi. 6 — Orion. 7 — Temor; Ardor. 8 — Ano; Aço. 9 — Lda; Mar.

## O ESPIRITO DA GRAFOLOGIA

Por CLOTILDE RANDI

A escrita é uma harmonia cujos acordes o grafólogo decompõe para reconstruí-los sob outra forma. Cada nota da escrita concorre para um efeito mais ou menos importante, segundo as suas associações, e não podemos conhecer, considerando apenas uma dessas notas a natureza do acorde a que ela faz parte. Os sinais da escrita não têm, pois, um valor absoluto; podem ser modificados por outros.

Se estes áttimos são da mesma família, exageram-lhes a significação; se são dissemelhantes, moderam-na. Entretanto, o sinal considerado isoladamente é febricamente (como um quadro de sinais) está ainda mais sujeito a canção. Não somente o seu efeito é relativo, mas também a causa do, pois podem originá-lo diferentes movimentos fisiológicos.

Há, evidentemente, para cada sinal uma causa e um efeito; que se manifestam mais a miúdo do que os outros. Sabemos, por exemplo, que a escrita descendente, cuja significação fundamental é depressão, correspondendo frequentemente à tristeza, é um dos seus significados ordinários, habituais.

No entanto, a fadiga, a inquietação, a doença e outros motivos ainda, podem determiná-la, e a tristeza não é então mais do que uma significação concomitante, necessariamente aceretada pela significação principal.

Todos os sinais podem referir-se a estados muito diferentes. Disso se deprende também que, para fixar num retrato toda a sua importância real, o grafólogo deve entregar-se a uma pericia para determinar a sua causa, e a uma operação psicológica para julgar o seu efeito.

Por isto se vê como é imprudente analisar uma escrita valendo-se de um quadro de sinais e que pobre serviço presta aos principiantes quem publica trabalhos que se dizem simplificados.

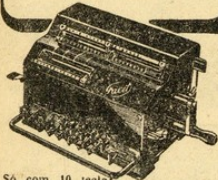
O estudo das escritas repousa num quadro de sinais como a pintura numa caixa de cores. Que importa a variedade destas, se não sabemos onde põ-las nem graduá-las, nem combiná-las?

O espírito da grafologia revela-se principalmente nos sinais gerais, cujas relações com os sinais psicológicos são tão impressionantes.

Eis porque subordinamos todos os sinais pequenos às grandes características da escrita.

Resumimos, para se apreciar um sinal num grafismo, é preciso penetrar em seu meio, apreender-lhe o espírito, viver-lhe a vida, e, finalmente, faz em conta a contingência dos sinais e a variabilidade das suas significações.

Cálculos rápidos  
só com  
**FACIT**



Só com 10 teclas.  
Contrôle de inscrição.  
Transporte total das dezenas nos 2 registos.  
Cômida para pôr a zero.  
Mecanismo completamente fechado.

Facit

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.<sup>da</sup>  
Rua da Prata, 145 R. Sá de Bandeira, 520  
LISBOA PORTO

LEIA TODOS OS SÁBADOS

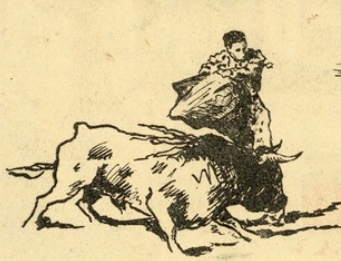
## VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo

## TARDES DO CAMPO PEQUENO UMA REFERENCIA E UM REPARO

CRÓNICA E ILUSTRAÇÕES DE  
JAIME DUARTE D'ALMEIDA



Belmonte no 7.º touro

SAO de louvar as organizações da presente temporada no Campo Pequeno. Sem contar com o penúltimo espectáculo, misto de charlotada e ferra, temos de concordar que um cuidado especial tem sido posto no arranjo dos programas, e se a expectativa tem falhado, a culpa não pode atribuir-se à empresa, que tem manifestado evidente honestidade, até mesmo na maneira como anuncia as corridas. O público, porém, não tem sabido comportar-se convenientemente. Chega a parecer que vai para a praça predisposto a aplaudir determinados lances e a reprovar outros, pois há ocasiões em que ovaciona antecipadamente o que logo a seguir nota que não merecia palmas, deixando de sublinhar imensos detalhes plenos de beleza e arte pura. Torna-se assim difícil remar contra essa maré da vontade pública, e a prova disso está na dose de recursos que Belmonte teve que pôr na lide do sétimo touro, para conseguir uma ovação tão merecida como injustos foram os apitos, com o que brindaram finda a lide do terceiro.

Todos se julgam no direito de exigir dos toureiros o que a sua vontade espera e deseja, sem atender às condições do touro e pondo de parte as várias circunstâncias que podem influir no êxito de um toureiro. Ora isto não pode ser. E bom é que se aja mais de certo para que haja mais justiça na apreciação.

Os touros de Pinto Barreiros, de bela estampa, casta e bravura, satisfizeram na sua maioria. O corrido em quinto lugar reunia tão extraordinárias condições, que o lavrador foi chamado, fazendo-se representar pelo seu simpático netinho, que acompanhou João Núncio na volta ao redondo.

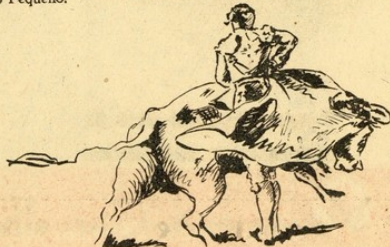
O cavaleiro de Alcácer triunfou de novo, de maneira inofismável. No quinto touro, a beleza da preparação e execução das sortes, sobretudo dos três curtos com que fechou, foi insuperável. Núncio tem uma maneira de tourear tão admiravelmente pessoal que tudo o que executa na arena se reveste de uma novidade e imprevisto empolgantes. Até a velocidade das galopadas, tão desagradavelmente notória na lide equestre, se não nota no seu toureiro. Tudo nos parece sereno, calmo, tranquilo, e dum elegância inexecidível. Por isso nunca nos cansamos de ver tourear João Núncio — por isso e porque estando sempre bem, consegue ser sempre diferente.

Murteira Correia tomou a alternativa, e com o nervosismo próprio dum estreante, deixou-nos a impressão simpática de que «para a outra vez será...». Ficamos assim com vontade de tornar a vê-lo, certo de que será mesmo para a outra vez que dará a tarde que temos o direito de esperar do seu valor.

Belmonte esteve grande no sétimo touro quando realizou uma «faena» de muleta artística e valentona, em que especialmente se lhe aplaudiu um «natural», umas «manoletinas» lindas e um «molinete» que fez lembrar seu pai. Pareceu-se ainda com o grande Juan, na forma como rematou, de joelhos na arena, costas voltadas ao perigo, tranquilo e triunfante. Com o capote, apontamos-lhe excelentes «verónicas» e um admirável «farol», que não teve seqüência por que se lhe seguiu um desarme.

Escudero toureia muito bem de capote. Foi dêle a melhor e mais bela «verónica» da tarde — as mãos incrivelmente baixas, os pés assentes, o corpo direito — como só fazem os mestres. Com a muleta, porém, não passou de vulgar.

Merecem referência: um grande par de Gonzalez e a acertada «brega» de Prociópio. Houve ainda duas peças rijas a compor um conjunto que a ninguém desse o direito de considerar mal empregadas as duas horas passadas no Campo Pequeno.



Meia verónica de Escudero





**O** último adeus! Chamado ao cumprimento dos seus sagrados deveres para com a Pátria em guerra, êste soldado dos Estados Unidos, despede-se de sua mãe. Até quando? Para sempre? O seu coração de filho há-de naturalmente sofrer—mas a consciência da sua obrigação de soldado não o faz hesitar no momento derradeiro da partida para a frente de combate. E em vez de lágrimas, no rosto duro dêste militar norte-americano há a serenidade de quem tem confiança em si próprio e nos destinos do seu país.